

Pax Brasiliana? Um Estudo da Atuação Brasileira em Crises Constitucionais e Políticas na América Latina (1990 - 2015)

Pax Brasiliana? A Study of Brazil's Role in Constitutional and Political Crises in Latin America (1990-2015)

¿Pax Brasiliana? Un Estudio de la Actuación Brasileña en Crisis Constitucionales y Políticas en América Latina (1990-2015)

Valdemar Carneiro Leão

Entrevista, 2018

Valdemar Carneiro Leão foi embaixador do Brasil na Colômbia de 2008 a 2010. Em 2008, o embaixador acompanhou o desenrolar do episódio conhecido como Crise Andina envolvendo Colômbia, Equador e Venezuela.

Valdemar Carneiro Leão was the Brazilian ambassador to Colombia from 2008 to 2010. In 2008, the ambassador accompanied the events of the episode known as the Andean Crisis, involving Colombia, Ecuador and Venezuela.

Valdemar Carneiro Leão fue el embajador de Brasil e Colombia de 2008 hasta 2010. En 2008, el embajador acompañó el desarrollo del episodio conocido como Crisis Andina involucrando a Colombia, Ecuador y Venezuela.

Como citar esta entrevista:

CARNEIRO LEÃO, Valdemar. Entrevista de história oral para o projeto “Um Estudo da Atuação Brasileira em Crises Constitucionais e Políticas na América Latina (1990-2015)”, Oliver Stuenkel, 27 de junho de 2019. Disponível em: https://hdl.handle.net/10438/27653

Valdemar Carneiro Leão

Valdemar Carneiro Leão tem formação em Relações Internacionais pelo *Institut d'Études Politiques de Paris* (Sciences Po) e iniciou estudos de Economia na Universidade de São Paulo, interrompidos devido a seu ingresso no Instituto Rio Branco, em 1970.

O embaixador exerceu diversos cargos no Brasil e no exterior, atuando como ministro conselheiro em Londres (1990-1993) e nos Estados Unidos (1993-1995), coordenador do Projeto MRE-BID (1995-1998) e diretor do Departamento Econômico (1998-2003) no Ministério de Relações Exteriores, em Brasília.

De 2003 a 2007, Valdemar Carneiro Leão foi embaixador do Brasil no Canadá e, posteriormente na Colômbia, de 2008 a 2010. Neste ano, o diplomata atuou como subsecretário-geral de Assuntos Econômicos e Financeiros do Itamaraty até 2013, quando se tornou embaixador do Brasil na China até 2015. O diplomata também foi chefe de delegação em reuniões de Ministros do Comércio do BRICS em 2012 e no Conselho de Ministros da OCDE em 2011 e 2013.

Hoje, o embaixador trabalha com consultoria internacional.

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Oliver Stuenkel

Pesquisa e elaboração do roteiro: Oliver Stuenkel; Caio Simoneti

Transcrição: Arianne Costa

Edição: Caio Simoneti

Local da entrevista: Rio de Janeiro, Brasil

Data da entrevista: 22 de novembro de 2018

Data de edição final: 27 de junho de 2019

Idioma: Português

Duração: 02:48:35

Páginas: 31

Esta entrevista foi realizada como parte do projeto "Pax Brasileira? Um Estudo da Atuação Brasileira em Crises Constitucionais e Políticas na América Latina (1990-2015)", desenvolvido por Oliver Stuenkel e financiado pela FAPESP e pelo CNPq. Este projeto tem como objetivo fornecer, através de análise e entrevistas de história oral com os principais atores, uma compreensão mais profunda de várias crises políticas e institucionais ocorridas na América Latina desde 1990, bem como a conexão e agência brasileira sobre cada uma delas.

Palavras-chave: América Latina; Crise Andina; Brasil; Colômbia; Equador; Venezuela; Juan Manuel Santos; Álvaro Uribe; Rafael Correa; Hugo Chávez; Luiz Inácio “Lula” da Silva; Unasul; OEA, crise política; história oral.

Entrevista: 22 de novembro de 2018

O.S. – Hoje é dia 22 de novembro, estamos no Rio de Janeiro com o embaixador Valdemar Carneiro Leão. Muito obrigado pelo seu tempo. Quanto a figuras relacionadas à Colômbia, já conversei com o embaixador Camilo Reyes¹, que foi chanceler colombiano e acabou de sair da Embaixada em Washington.

V.C.L. – Ele foi onipresente durante uma certa fase, mas não quando eu estive lá. Mas, sim, foi uma figura influente. Ele era uma figura realmente de peso na chancelaria, talvez a única que eu tenha conhecido.

O.S. – Excelente. O assunto principal para tratarmos hoje seria a tensão diplomática entre Colômbia e Equador em 2008² em função da atuação do exército colombiano em território equatoriano. Eu acho que muitas vezes crises assim podem ser ganchos para uma compreensão mais sofisticada do papel do Brasil na região como um todo. Todas as entrevistas servirão de fundamento para um livro que eu estou escrevendo sobre a atuação brasileira na região entre 1990 e 2015. O tema chave será como o Brasil buscou ou não articular um projeto regional. Acho que é muito interessante analisar situações imprevistas como aquela para entender melhor qual era a visão brasileira nesses momentos de instabilidade. Antes de falarmos desta crise, gostaria de perguntar: quais foram as informações que o senhor recebeu ao assumir a Embaixada? Eu sei que esse processo no Itamaraty não é tão institucionalizado: tem um processo em que o novo embaixador recebe uma espécie de briefing sobre os principais desafios neste país e os temas-chave da relação bilateral. O que me parece muito interessante, porque a Colômbia é um país não muito presente no radar da política externa no seu sentido público: não existe um debate público sobre essa relação bilateral – apesar da importância estratégica que esse país tem para América do Sul como um todo. Como foi esse processo? Em que contexto surgiu essa oportunidade? O que o chanceler disse à época antes de o senhor assumir esse posto? O que o senhor pensava que era o principal desafio nesse momento?

V.C.L. – Olha, você conhece esse processo possivelmente tanto quanto eu. Nós temos alguns mecanismos que são formais – relativamente formais – e outros que são informais. Os que são informais vão depender de disponibilidade de tempo do ministro de Estado, do secretário-geral ou do subsecretário, e o embaixador designado vai procurar esses encontros para poder captar um pouco mais do que simplesmente nos diz o “maço”. Você conhece a figura do maço no Itamaraty? Que já está desaparecendo porque agora os maços são digitais, mas antigamente ele comportava um conjunto de informações básicas. Perdeu também um pouco esse caráter – eu acho que – exclusivo que ele tinha em relação ao embaixador designado, porque, a partir de um certo ponto, a Comissão de Relações Exteriores e Defesa do Senado passou a solicitar do Itamaraty um relatório de gestão do embaixador. A rigor, nós deveríamos fazer um relatório destinado ao Ministério e um relatório destinado ao Senado, partindo da suposição de que a visão é diferenciada, mas acaba não sendo assim, porque, primeiro: é muito difícil você fazer dois relatórios com diferenças de visão, com ângulos de percepção diferenciados. Então os dois acabam não sendo necessariamente idênticos, mas muito do que vai para o Senado terá sido ou será encaminhado também para o Itamaraty no final da gestão. No Senado eles pedem um pouquinho antes, porque o embaixador entrante vai ser sabatinado.

O.S. – Exato.

V.C.L. – E o Senado quer receber antes que o embaixador saia de lá. Então, digamos assim, existe uma certa precipitação para que siga para a capital o relatório do embaixador, que sairá, mas que não saiu ainda. Pois ele ainda não finalizou a sua gestão, mas ele tem que dar uma visão. De todo modo, eu acho que – voltando ao fio da meada aqui – há uma parte informal desse processo informativo e de orientação

¹ Camilo Reyes Rodríguez foi embaixador da Colômbia nos Estados Unidos de 2017 a 2018. Ele também foi vice-ministro de Relações Exteriores de 1994 a 1998 e ministro de Relações Exteriores em 1998.

² A chamada Crise Andina foi o episódio de tensão diplomática entre Equador, Colômbia e Venezuela, resultante da atuação de militares colombianos contra um acampamento de membros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) localizado em território equatoriano. A participação da Venezuela na crise se iniciou através de declarações em favor do Equador por parte do presidente venezuelano Hugo Chávez.

de objetivos que se dá nesses encontros. Muitas vezes, ou algumas vezes, pelo menos no meu caso, não foi possível estar com o ministro [de Relações Exteriores]. Então, com o secretário-geral, sim; com o subsecretário, sim; mas não me recordo sinceramente de ter estado com o ministro Celso Amorim³ quando eu parti. Ele conversou comigo quando... – a lembrança que eu tenho de quando me foi oferecido, [quando] o chefe de gabinete me ligou para oferecer, eu estava no Canadá – e, depois, nós nos cruzamos, em algum momento, antes de eu ir e ele [Celso Amorim] disse: “Você vai ver, será muito melhor, muito mais interessante, etc...” – o que efetivamente foi!

O.S. – Sem dúvida.

V.C.L. – Não há comparação! O Canadá tem lá seus problemas, mas é uma relação, vamos dizer... – não chego a dizer “insípida”, mas quase. Quer dizer, há muito um problema de presença nossa e eu fui especialmente aquinhado em um momento em que o crescimento do Brasil estava disparando e que a percepção que o Canadá, nesse momento, passa a ter do Brasil é uma percepção, primeiro, muito mais interessada e, segundo, muito mais positiva...

O.S. – Por exemplo, a participação brasileira na missão de paz da ONU no Haiti⁴, obviamente, é um tema que é relevante no Canadá, e toda essa questão de bens públicos globais, não é?

V.C.L. – Certo. E, inclusive, há muitos haitianos lá. E, naquela época, a governadora do Canadá – representante da rainha, portanto – era haitiana: Michaëlle Jean⁵. Mas eu queria dizer o seguinte: basicamente, eu me informei com o material escrito e com base em depoimentos que eu colhi dos subsecretários, chefes de departamento, etc., para me situar um pouco nesse contexto. [Informação] que fosse além do que estava dito nos telegramas, do que estava dito nos relatórios. Acho que eu parti um pouco com essa noção de que: primeiro, estava indo para um país vizinho, o que mudava inteiramente o modo de ver as coisas. Indo [de] um país distante, relativamente distante, Canadá, e aí eu vou para um país vizinho. Independentemente dessa gradação, você estará num país vizinho, em que a posição do Brasil tem um peso específico que é inegável. No Canadá, nós começamos a ter peso específico, certo? Eles mesmos pensaram o problema de *emerging markets*: o Brasil figurava entre os três ou quatro principais objetivos de comércio exterior no Canadá – mais de comércio exterior do que de política externa. Eu cheguei no 2003 no Canadá, e isso só tendeu a crescer: o governo Lula⁶ começava a colher bons resultados. Mas então eu parto para Colômbia, ciente de que estou indo para uma realidade muito diferenciada.

O.S. – E o senhor já tinha ido para a Colômbia? Já conhecia o país?

V.C.L. – Eu tinha estado na Colômbia uma ou duas vezes antes. Isso é bom lembrar porque essa conexão anterior acabou sendo muito instrumental. Eu servi em Londres duas vezes na minha vida. Londres foi meu primeiro posto no exterior, e lá estive uma segunda vez como ministro conselheiro. Em ambos os momentos me ocupei da parte multilateral da Embaixada, de assuntos de commodities, porque estavam todas as organizações de commodities sediadas em Londres na época. A primeira vez, eu me ocupei essencialmente de cacau. Havia um ou outro produto menor, metais, uma coisa assim, mas havia três grandes produtos que tinham suas organizações lá: café, açúcar e cacau. E eu, como júnior, acabava me ocupando do cacau. Não era novidade para mim, porque nos quatro anos anteriores à minha ida para Londres eu ainda não tinha feito praticamente outra coisa a não ser cuidar de cacau inúmeras vezes, a África, etc... Mas o detalhe interessante disso, dessa minha passagem por Londres, nesse primeiro

³ Celso Amorim é um diplomata brasileiro. Ele foi ministro de Relações Exteriores (1993-1994 / 2003-2010), durante os governos Itamar Franco e Luiz Inácio “Lula” da Silva, e ministro de Defesa (2011-2014) durante o governo de Dilma Rousseff.

⁴ De 2004 a 2017, o Exército Brasileiro liderou o componente militar da operação de paz no Haiti, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). A operação foi estabelecida após o golpe de Estado de 2004 e foi profundamente impactada pelo terremoto de 2010.

⁵ Michaëlle Jean é uma política e jornalista canadense nascida no Haiti. Sua família buscou refúgio no Canadá quando tinha 10 anos para escapar do regime de François Duvalier. Jean foi a 27ª governadora geral do Canadá (2005-2010) e a primeira mulher a ocupar o cargo de secretária-geral da Organização Internacional da Francofonia (2015-2019).

⁶ Luiz Inácio “Lula” da Silva foi presidente do Brasil de 1 de janeiro de 2003 a 1 de janeiro de 2011.

momento que foi [na] segunda metade dos anos setenta, foi que a Embaixada da Colômbia em Londres... Primeiro: a Colômbia tinha, naquela ocasião, a posição de segundo maior produtor do mundo. Brasil e Colômbia significavam uns sessenta por cento da produção mundial de café. Qualquer entendimento entre Brasil e Colômbia praticamente determinava o destino ao que...

O.S. – Do café? Exatamente! [Risos]

V.C.L. – A Organização Internacional do Café (OIC) era uma espécie de cartel autorizado. A OPEC⁷ nunca foi propriamente um cartel autorizado. O café era!

O.S. – Exato! [Risos].

V.C.L. – Até que os americanos, que sempre participaram da OIC, disseram: “Isso é inadmissível, não queremos mais” e a OIC, tal como foi concebida, acabou. Os centro-americanos e africanos, [que] eram terceira e quarta força, variavam ali... Mas eram peças que tinham de alguma maneira que se ajustar ao ajuste dos dois grandes. O Brasil se preocupava bem mais com a África do que a Colômbia por razões óbvias, então cabia muito ao Brasil um papel de – digamos assim – administrar as insatisfações africanas em relação à repartição de cotas, sistema de cotas e preço... Enfim, liberava-se cota, cortava-se cota, dependendo da variação dos preços. Eu também aparecia na reunião da Organização Internacional do Café⁸, para olhar e aprender, mas a chefia da delegação era só para caciques: ia o ministro da Indústria e do Comércio, o presidente do IBC⁹, ia sempre um ministro conselheiro da Embaixada que se ocupava disso, um par de figuras, de grandes negociadores, inclusive o Jorio Dauster¹⁰. Mas o “homem-café” [o representante da Colômbia na OIC] se chamava Juan Manuel Santos¹¹.

O.S. – Nossa! Que interessante!

V.C.L. – Então eu tive um contato precoce com o Juan Manuel – não muito próximo, foi um contato um pouco tangencial: eu comparecia às reuniões, mas eu ficava atrás, eu ouvia. Uma vez me lembro de comparecer a um coquetel na casa dele, o coquetel reunia um número pequeno de pessoas e ele me convidou... Ele sempre foi pessoa muito sociável, um sujeito sofisticado do ponto de vista não somente de formação acadêmica, mas, porque, enfim, vem de uma família de muito dinheiro e muito poder. Mas conheci o Juan Manuel naquela época e depois eu abandonei o Juan Manuel à sua própria sorte [risos] e segui o meu destino. Saí de Londres para Tóquio, etc. Eu sei que depois ele voltou para a Colômbia e em algum momento assumiu a direção do jornal da família, *El Tiempo*¹². Creio que chegou a ganhar um prêmio de jornalismo. Depois, estive em Harvard, estive na *Kennedy School of Government*.

O.S. – Exato.

⁷ OPEC é o acrônimo em inglês para "Organização dos Países Exportadores de Petróleo", uma organização intergovernamental. A instituição foi fundada em 1960, composta originalmente por Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela.

⁸ A Organização Internacional do Café (OIC) é uma instituição composta pelos principais países produtores e consumidores de café do mundo. Ela foi fundada em 1963, com sede em Londres, sob os auspícios da Organização das Nações Unidas.

⁹ O Instituto Brasileiro do Café (IBC) foi uma autarquia do Governo Federal, vinculada ao Ministério da Indústria e Comércio, que existiu entre 1952 e 1990. A instituição tinha como objetivo definir a política para o setor cafeeiro e coordenar estratégias desde o processo de produção até a comercialização. O instituto também oferecia assistência técnica a cafeicultores e realizava estudos sobre a economia cafeeira. Em 1996, foi criado o Conselho Deliberativo de Política do Café (CDPC) como sucessor do IBC.

¹⁰ Jorio Dauster Magalhães Silva é um diplomata, empresário e tradutor brasileiro. Além de seus cargos diplomáticos, ele também atuou como tradutor e foi presidente do Instituto Brasileiro do Café de 1987 a 1990 e da Companhia Vale do Rio Doce de 1999 a 2000.

¹¹ Juan Manuel Santos é um político e economista colombiano, tendo servido como presidente da Colômbia de 2010 a 2018. Ele também foi ministro de Defesa (2006-2009), ministro da Fazenda (2000-2002) e ministro do Comércio Exterior (1991-1994) da Colômbia.

¹² *El Tiempo* é o jornal de maior circulação na Colômbia e, entre 2001 e 2008, foi praticamente o único jornal de circulação nacional do país. Ele foi fundado em 1911.

V.C.L. – E mais tarde, novamente de volta à Colômbia, foi ministro da Indústria e do Comércio, etc. Enfim, fez uma carreira e se envolveu profundamente em tudo. Quando o conheci, na segunda metade dos anos 1970, ele era *the coffee attaché* da Embaixada da Colômbia em Londres. E tive, portanto, essa coisa fortuita de ter conhecido o Juan Manuel ainda muito jovem e que me foi, quando cheguei à Colômbia como Embaixador, de extrema utilidade.

O.S. – Ele foi ministro da Defesa...

V.C.L. – Quando eu cheguei, ele era o todo poderoso ministro da Defesa, o que era uma peculiaridade...

O.S. – Com inclusive potencial para ser mais.

V.C.L. – Já. Já era naquela época, como se diz na terminologia francesa, ele era um “pressentido” como futuro presidente ou candidato. [Em] qualquer país, pelo menos entre os países que eu conheci, nos países em que eu servi, é sempre a regra que o ministro mais poderoso é o ministro da Economia, ministro das Finanças. Não na Colômbia: na Colômbia o ministro mais poderoso é o ministro da Defesa. O país era área conflagrada.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Então você precisava reunir-se com o *ministro de Hacienda* e não era difícil ser recebido. O Brasil tinha peso mais que suficiente para que seu embaixador fosse recebido. Mas ser recebido pelo ministro da Defesa era outra coisa. E eu tinha a sorte de ter esse acesso. E mais: isso foi importante para a nossa atuação em situações complicadas, como nas operações de resgate de reféns de que o Brasil participou. Mais tarde, desde o início de seu mandato de presidente, o diálogo com o Brasil tornou-se mais fluido. Claro que não por interferência minha, mas porque, para o governo brasileiro, ele [Juan Manuel Santos] representava o oposto do [Álvaro] Uribe¹³. Foi possível, digamos assim, estimular a interação dele com o Brasil e transmitir a ele o que eu podia transmitir.

O.S. – E oposto do Uribe em que sentido? Ou seja, estilo pessoal? Ou de ser acessível?

V.C.L. – Tudo. O Uribe não era uma pessoa inacessível. Era uma pessoa obstinada, com um objetivo muito claro. E um objetivo que se tornou, até por razões pessoais – o pai dele foi assassinado pelas FARC – se tornou para ele uma missão que ele se sentiu incumbido de levar a cabo e que era um ataque sem trégua às FARC.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Até, se possível, destruí-la por completo. Paz com as FARC, só se as FARC ficassem de joelhos. Não havia essa história de haver conversações. Então ele era uma pessoa monotemática, nesse sentido. Segundo, ele era um homem – vamos dizer assim – do interior, tipicamente.

O.S. – Isso.

V.C.L. – O Santos não. É um bogotano da elite. O que ele [Uribe] se referia – digamos – pejorativamente por “*la gente del golf club*”. Então era para designar pejorativamente aquela elite que não tinha raízes autênticas, populares, etc., digamos, no coração, na terra, na Colômbia autêntica, na Colômbia profunda. E enfim, esses dois traços eu acho que definem muito bem a diferença, porque um perseguia apenas um objetivo que era este, e isso transformava a conduta em política externa do Uribe [em] uma política externa excludente – nós podemos voltar a isso depois – excludente de todo e qualquer outro país, salvo os Estados Unidos... Ela [a política externa] era absolutamente unidirecional. Não que isso fosse explicitado, mas era óbvio que para ele [Uribe] – depois eu vou chegar no enfoque específico – para ele era como se os países vizinhos não tivessem realmente relevância.

O.S. – Sim.

¹³ Álvaro Uribe Vélez foi presidente da Colômbia de 2002 a 2010. Ele também foi senador de 1986 a 1994 e de 2014 até os dias de hoje.

V.C.L. – Já o Juan Manuel não, Juan Manuel era um homem do mundo, certo? Um homem que tinha vivido fora da Colômbia, era um homem sofisticado, com um nível de escolaridade muito mais elevado, uma pessoa que tinha pensamento, inteligência refinados.

O.S. – Claro, uma maior sofisticação.

V.C.L. – Esse dado é importante porque acho que quando há o corte na Presidência, quando finalmente o Juan Manuel é eleito, você tem de imediato uma transformação radical da política externa colombiana. Mas, voltando a sua pergunta, eu parti com a noção de que, primeiro, estava indo para um país vizinho; segundo, um país complicado. Mas, terceiro, um país que desde o primeiro momento, não me pareceu... – eu nunca pensei em servir na Colômbia como embaixador – mas nunca me pareceu que estivesse na agenda do Brasil, salvo pelo café. Como eu tinha no início da carreira, uma formação essencialmente em commodities, então eu tinha uma visão um pouco magnificada da importância da Colômbia.

O.S. – Certo.

V.C.L. – Mas era aí. A relação ficava muito nesse nível que, em um determinado momento até digamos, início dos anos oitenta, tinha peso. Mas que depois, com o próprio enfraquecimento da Organização [Internacional] do Café, com a entrada em jogo de outros atores do café, com o fim das cotas, fim do regime cota-preço que marcava a OIC também, a importância dessa relação para fixar cotas e preço, etc., se perde, ela vai-se diluindo. Mas essa relação foi importante para eu chegar, não somente pelo Juan Manuel Santos, mas também, mais tarde, já voltando a Londres como ministro conselheiro e me ocupando – aí sim – da chefia das negociações multilaterais. Juan Manuel não estava mais, mas estavam velhas figuras dos círculos cafeeiros, inclusive aquele que, durante décadas, foi presidente da *Federación Nacional de Cafeteros [de Colombia]*¹⁴, Jorge Cárdenas¹⁵. E eu tive, naquela ocasião, não amizade – porque havia uma diferença de gerações – mas ele sempre foi muito atencioso, e vice-versa. E antes de chegar a Colômbia eu já usei essa amizade, liguei para ele do Canadá, dizendo: “Estou chegando, fui designado...” e ele me abriu várias portas.

O.S. – Claro.

V.C.L. – E o Juan Manuel... Não precisei abrir portas. Porque ele soube que eu estava chegando e ele imediatamente me recebeu em audiência. O primeiro jantar que eu ofereci na Embaixada foi em homenagem ao Juan Manuel, o que me permitiu também ter reunir numa sala uma espécie de *le tout* Bogotá: ao redor da mesa, os pesos pesados, inclusive de finanças: Luiz Carlos Sarmiento,¹⁶ por exemplo, estava nesse jantar. E claro que todos foram, o jantar de catorze pessoas, todos foram porque já viam o Juan Manuel como uma figura... Ele foi o chamariz, certo? Não quero dizer que eu tenha usado. Eu usei seu prestígio no melhor sentido diplomático.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Não, não de forma interesseira. Ou melhor, interesseira, mas dentro de um contexto muito ético, né? E ele naturalmente sabia também, porque tem essa vivência. Ele sabia que eu estava me valendo de sua amizade para poder ter um primeiro contato com a sociedade colombiana. Então, eu chego à Colômbia com essas duas portas de entrada que me foram...

O.S. – Claro. Que facilita obviamente o trabalho diplomático.

V.C.L. – Mas deixa eu lhe falar uma coisinha: o que me chama atenção, antes mesmo de eu partir para Colômbia – esse é um dado interessante.... Você me perguntou: sabatina no Senado. A sabatina no

¹⁴A *Federación Nacional de Cafeteros de Colombia* é uma associação com o objetivo de promover o cultivo do café na Colômbia e sua exportação. Ela foi fundada em 1927.

¹⁵Jorge Cárdenas Gutiérrez foi gerente da *Federación Nacional de Cafeteros de Colombia* de 1983 até 2001. Ele trabalhou na organização por quase 40 anos.

¹⁶Luis Carlos Sarmiento Angulo é um empresário colombiano, acionista majoritário e presidente do *Grupo Aval Acciones y Valores*, um conglomerado bancário de investimentos e seguros. Ele também é o fundador do Centro de Tratamento e Investigação sobre Câncer e, em 2017, foi considerado o homem mais rico da Colômbia pela revista Forbes.

Senado, eu tive três: quando fui para o Canadá, quando eu fui para Colômbia e quando eu fui para China. A China, é claro, é *hors concours*¹⁷: a sala fica cheia, as pessoas fazem perguntas, outros fazem declarações mais do que perguntas para serem mostrados na televisão, etc. Mas a Colômbia... Eu fui com um colega que já não me recordo muito para onde estava indo, eram duas sabatinas simultâneas, e o formato, depende um pouco, mas o formato foi uma pequena declaração inicial dando alguns traços importantes do posto e depois o presidente pergunta se alguém quer fazer alguma pergunta. Ninguém. Nenhum senador quis...

O.S. – Mas eram senadores da Comissão...?

V.C.L. – Da Comissão de Relações Exteriores. A sabatina. E aí o presidente perguntou: “Bom, os embaixadores têm alguma declaração a fazer?” E meu colega não tinha. Eu disse: “Eu tenho”. No momento me pareceu descabido o desinteresse com que pudessem esses senhores tratar um país que é um país com um problemão de droga, de guerrilha, na nossa fronteira, na Amazônia, que é uma área sensível. E acrescentei: “As observações que eu tenho, acredito que não possam ser feitas em sessão aberta”. Aí o presidente mandou fechar a sessão, e eu falei: “Estamos diante de uma situação que é preciso olhar com cuidado, isso pode transbordar para nossa fronteira...”

O.S. – De certa maneira, já havia ali um diálogo direto entre os chanceleres em função do desafio de segurança na fronteira, certo?

V.C.L. – Sim.

O.S. – Inclusive pedidos de cooperação.

V.C.L. – Mas é sempre muito... Eu acho que diante da estratégia de guerrilha, diante da sofisticação da guerrilha, a nossa reação – pelo menos do lado brasileiro – era rudimentar. Não do lado colombiano.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Então, até porque, por razões de falta de recursos, aquela é uma área que é uma espécie de *outpost* para nós. Então, aí sim, aí se acendeu o debate na Comissão do Senado [risos]. As pessoas foram estimuladas. E eu me lembro do senador Pedro Simon¹⁸, que foi um dos que mais participaram e que indagou: “Embaixador, por que é que a Colômbia não pede ao Brasil que faça a mediação [com as FARC]?”

O.S. – Interessante. Qual foi a sua resposta?

V.C.L. – A minha resposta foi: “Senador, eu não sei. Mas essa é uma das coisas que eu tentarei descobrir”. E logo descobri [risos], não foi difícil descobrir. Talvez seja um segundo ponto que eu acho que vale a pena abordar: a relação bilateral, durante todo o período em que eu estive lá... Mas acho que isso já vinha desde o governo Uribe. Uribe e Lula praticamente coincidem no poder ao longo desses oito anos de cada um: Uribe começa um pouquinho antes e acaba um pouquinho antes. Eu apenas peguei, talvez, um processo que estava mais avançado, também na medida em que o governo Lula mostrava resultados muito concretos, o Brasil crescia... A relação entre os dois países, pelo menos na época, o que eu vi foi uma relação marcada por profunda desconfiança. Desconfiança essa que me fez no final da minha estada, ao fazer uma avaliação, dizer que na verdade nós não tínhamos uma relação bilateral, mas tínhamos uma relação quadrilateral: havia dois elefantes na sala, que eram os Estados Unidos e a Venezuela. Um aliado a um e o outro aliado ao outro. E a solidez dessa aliança, o sentido de confiança e dependência... No caso do Brasil, de dependência não, mas de confiança que havia entre Uribe e Washington e entre Lula e [Hugo] Chávez¹⁹, fazia com que os dois lados, Colômbia e Brasil, ao terem uma interlocução, não viam o outro apenas como o outro, mas sim também aquele que estava por trás.

¹⁷ A expressão francesa se refere é algo sem igual, com o qual não há comparação.

¹⁸ Pedro Simon é um político, advogado e professor universitário brasileiro. Ao longo de seus anos na vida pública, foi governador do Rio Grande do Sul de 1987 a 1990 e senador de 1979 a 1987 e de 1991 a 2015.

¹⁹ Político e militar venezuelano que foi presidente da Venezuela de 1999 até sua morte em 2013.

O.S. – Muito interessante.

V.C.L. – Isso era muito perceptível. Essa situação era agravada ainda pelo seguinte fato: havia uma coincidência de governos de esquerda em toda a região.

O.S. – Menos a Colômbia.

V.C.L. – Menos a Colômbia. *The odd man out*²⁰. Era a Colômbia.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Então isso agravava tanto a percepção da Colômbia, vamos dizer assim, paranoica, que estava cercada por dois países que eram realmente confiáveis e não mereciam, portanto, qualquer crédito: Venezuela e Equador – e cercada por outros que tinham uma grande incompreensão pelo problema colombiano, dentre os quais, o Brasil. E o Brasil não se conformava com a ideia de que a Colômbia tivesse uma submissão tão evidente aos Estados Unidos, o que também revelava uma dificuldade enorme de compreender a dimensão do que era o conflito interno colombiano: o que foi, até a chegada de Uribe, o processo de humilhação pelo que passou o Estado colombiano. Primeiro por conta dos cartéis e depois por conta da guerrilha, o Estado não podia fazer valer o seu poder em todo o território. A penetração no plano do cidadão comum significava... Eu, por exemplo não conhecia nenhuma família, nenhuma pessoa, que não tivesse tido alguém sequestrado.

O.S. – Claro. Ou seja, impacto profundo sobre a própria maneira como país se enxerga.

V.C.L. – Exatamente. Não era contra a autoridade do Estado só. Aquilo vinha para sociedade com consequências trágicas. Isso para falar da elite bogotana com a qual eu convivi – se você fosse ao campo você tinha um retrato talvez até agravado porque havia o fenômeno dos *desplazados*²¹, que a guerrilha chegava, os paramilitares chegavam e simplesmente desalojavam as pessoas. Mais de cem mil pessoas... Houve a estimativa de que mais de cinco milhões de pessoas podem ter sido desalojadas na Colômbia nesse processo. A compreensão da dimensão do fenômeno, do conflito, é uma compreensão difícil para o Brasil. Ao Brasil parecia apenas que Uribe, obcecado com aquilo, tinha se transformado em um entreguista [risos] – para usar também uma terminologia que saiu de moda – e que fazia o que os Estados Unidos quisessem.

O.S. – Claro, o que é interessante é que eu acho que existem várias teses conflitantes em relação à origem do Plano Colômbia²²: por exemplo, Tom Long, um pesquisador americano, tem a tese de que aquilo era, sobretudo, um projeto colombiano e não – como muitas vezes se diz aqui – uma imposição dos Estados Unidos ao governo, tanto que o embaixador colombiano em Washington teve que fazer lobby forte para de fato trazer os Estados Unidos para o país. É muito interessante que, de fato, não há uma compreensão no Brasil da complexidade e da relevância, do impacto, que esse conflito tem. Eu tive a mesma impressão falando com o Camilo Reyes, que basicamente diz: “Vocês nunca levaram isso a sério, vocês nunca, de fato, nos ajudaram o suficiente. Eu acho que vocês podiam ter feito muito mais. Vocês estavam apenas criticando” – “vocês” no sentido de “a diplomacia”, mas o país como um todo não tinha um conhecimento sobre a questão. Muito interessante isso.

V.C.L. – Isso gerava um ressentimento muito profundo, porque não era apenas uma falta de compreensão quanto à situação, mas um olhar muito crítico. Eu posso não compreender o que você faz, ou como você se sente, mas sou indiferente – não! Não compreendia e era muito crítico. Certo?

²⁰ A expressão se refere a um indivíduo ou coisa que difere de outros membros de um grupo.

²¹ "Deslocados", em espanhol. Segundo dados divulgados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), desde 1985 mais de 7,9 milhões de pessoas na Colômbia foram vítimas de deslocamento forçado, sendo 7,7 milhões casos de deslocamento interno.

²² O Plano Colômbia foi uma iniciativa bilateral dos governos dos Estados Unidos e da Colômbia concebida em 1999, consistindo em apoio militar e diplomático do Estado norte-americano ao combate ao tráfico de drogas e a grupos guerrilheiros em território colombiano. O programa existiu em sua forma original até 2015, passando por uma reformulação após o início das negociações de paz entre o Estado colombiano e as FARC. O novo programa se chama Paz Colômbia e tem o objetivo de auxiliar a implementação dos acordos de paz assinados em 2016.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Portanto, há um golpe duplo da percepção colombiana. Era muito perceptível que aquilo estava sempre perpassando a relação, mas veio à tona do lado colombiano no episódio que ocorreu em abril de 2008, depois de eu ter chegado e logo na sequência da crise da Operação Fênix²³, que foi a invasão. Eu anotei essa data aqui, que foi a visita do [Nelson] Jobim²⁴, então ministro da Defesa.

O.S. – Sim. Que, à época, foi uma figura relevantíssima para a diplomacia regional, sobretudo, né?

V.C.L. – Exatamente. A visita de Jobim foi em abril de 2008. O episódio Operação Fênix foi em primeiro de março de 2008.

O.S. – Exato.

V.C.L. – E a crise que decorreu daí, não é? Você fez alusão a isso. Mas nesse contexto chega Nelson Jobim com a missão de convencer o governo colombiano, especificamente o ministro da Defesa, o Juan Manuel Santos, e o Uribe, da necessidade da importância de se criar um Conselho Sul-Americano de Defesa²⁵. O que antecede, veja bem, a Unasul²⁶.

O.S. – Exato.

V.C.L. – Eu acompanhei o ministro Nelson Jobim em audiência com o presidente e eu nunca tinha visto algo parecido. O ministro falou, expôs as razões, e ele [Uribe] disse: “Bom, eu não vejo muito a necessidade de criação desse Conselho. Inclusive, pelo seguinte: vocês nunca nos ajudaram. *Nuestros vecinos nunca nos ayudaron*”. Foi a primeira vez e única que eu ouvi a coisa vocalizada de maneira quase estridente. O que deixou todos nós um pouco chocados, porque não imaginávamos que pudesse vir à flor da pele daquela maneira e chegasse a esse ponto. Poderia ter sido alguma coisa mais sutil... Mas, não: a queixa foi absolutamente direta, sem meias palavras, e a tal ponto que o ministro Jobim, na saída, telefonou ao presidente [Lula] e ele disse isso: “... e o embaixador também achou... [risos] Estranhou muito” [risos].

O.S. – Claro.

V.C.L. – É claro que eu era recém-chegado também, mas nunca tinha encontrado, visto o Uribe em reuniões, participado, etc. Mas nunca supus que aquilo pudesse chegar àquele ponto. Acho que, sim, foi uma exacerbação de um sentimento que decorria da crise que acabava de ocorrer, da invasão do Equador...

O.S. – Que a Colômbia considerava como algo de autodefesa, apesar de ter ocorrido em território...

V.C.L. – Sim. Apesar de ter ocorrido em território equatoriano. O meu entendimento da crise naquele momento foi de que a Colômbia teve uma oportunidade de inteligência singular, que há muito tempo

²³ A Operação Fênix foi um ataque das Forças Armadas da Colômbia a um acampamento de guerrilheiros das FARC no interior do território do Equador, ocorrido na madrugada do dia 1 de março de 2008. Tal evento desencadeou o período de tensão diplomática conhecido como Crise Andina.

²⁴ Nelson Azeredo Jobim é um político e jurista brasileiro. Ele foi ministro de Defesa de 2007 a 2011 e presidente do Supremo Tribunal Federal de 2004 a 2006. Em 2013 os professores Oliver Stuenkel e Marcos Tourinho realizaram uma entrevista de história oral com o ministro Jobim, a qual está disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/historia-oral/entrevista-tematica/nelson-jobim-iv>.

²⁵ O Conselho de Defesa Sul-Americano foi instituído em 2008, por decisão dos países membros da Unasul. Trata-se de um fórum para consultas, cooperação e coordenação em matérias de defesa.

²⁶ A União de Nações Sul-Americanas (Unasul) é uma organização intergovernamental que, originalmente, incluía todos os países da América do Sul. Contudo, em 2018, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai e Peru suspenderam sua participação. Em agosto de 2018, a Colômbia anunciou sua intenção de deixar o bloco e, em março de 2019, o Equador se retirou.

ela não tinha, que era de matar o Raúl Reyes²⁷ e capturar seu laptop. Antigamente havia troféus de guerra, hoje o troféu de guerra é o computador.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Ao capturar o PC do Reyes e chegar a uma quantidade de informações inacreditável que pautou, em grande medida, a campanha – que pautou eu não digo, mas foram extremamente valiosas as informações estratégicas que o governo coletou a partir daí: onde eram os pontos de contato... E a grande polêmica foi que o computador revelava sim que tanto o Equador quanto a Venezuela davam apoio oficial – ainda que discreto – às FARC, o que aos olhos do governo colombiano justificava [a operação], o que obviamente não justificava, mas eu acho que... No meu entendimento, a coisa se colocou ou foi colocada pelos comandantes militares ao Juan Manuel Santos e ao Uribe: “Olha, esta é uma oportunidade única, nós vamos invadir o Equador. Mas é agora ou nunca”.

O.S. – Sim.

V.C.L. – E o Uribe deve ter dito: “Muito bem. Eu cubro depois o resto, o estrago”. E o estrago... [Risos] o estrago foi colossal. E também aí – embora, se você olhar bem, o Uribe já estivesse no seu sexto ano de mandato – aí eu acho que, pela primeira vez, a Colômbia se deu conta do seu isolamento. Se deu conta de que eram as Américas inteiras contra ela. Não era a Venezuela, não era o Equador. Era todo mundo.

O.S. – Sim

V.C.L. – E ainda que ela quisesse tachar de conluio das esquerdas, nem na OEA²⁸, quando o assunto chegou à OEA, eles conseguiram segurar uma manifestação de repúdio²⁹. Quer dizer, nem os Estados Unidos foram capazes disso: “Não, isso aí nós não aceitamos”.

O.S. – É.

V.C.L. – A declaração fala em “repúdio”. Então ele [Uribe] vem, portanto, de uma derrota monumental, como percebe o Jobim. E aí eu acho que era uma descarga [risos].

O.S. – Claro, mas revela algo que...

V.C.L. – Sim. Profundo... Porque “você não compreenderam a nossa operação” – mas não foi isso, “você nunca nos ajudaram”. Então eu acho que é uma avaliação, digamos assim, avassaladora e que revela, portanto, todo – como você disse – um sentimento profundo e antigo.

O.S. – Isso obviamente tem profundas implicações para qualquer projeto brasileiro de desenvolver uma presença regional mais visível, de exercer liderança regional e de também ser visto e reconhecido como um país que projeta estabilidade, que acompanha aqui... Como o senador perguntou, não é? Inclusive poderia se envolver prestando serviço, atuando como mediador.

V.C.L. – Sim.

O.S. – Ou seja, contribuindo para a superação de um conflito na própria região, mas obviamente esse comentário do presidente mostra que há muitas barreiras. Inclusive, a aceitação dessa criação do Conselho, de certa maneira, implica um reconhecimento também de uma liderança brasileira, porque é

²⁷ Raúl Reyes é o codinome de Luis Edgar Devia Silva. Reyes foi um guerrilheiro colombiano, membro do secretariado das FARC. Ele foi morto em 1 de março de 2008 pelas Forças Armadas da Colômbia, em território equatoriano, durante a chamada “Operação Fênix”. Tal evento desencadeou o episódio conhecido como Crise Andina.

²⁸ A Organização de Estados Americanos (OEA) é uma instituição pan-americana fundada em 1948, com o objetivo de ser um fórum político e promover o diálogo multilateral e integração da região.

²⁹ Em 5 de março de 2008, o Conselho Permanente da OEA passou a resolução [CP/RES. 930/08](#), considerando a intrusão das forças colombianas um ato de violação da soberania territorial do Equador e convocando a [25ª Reunião de Consultas de Ministros de Relações Exteriores](#) para o dia 17 de março. Tal reunião passou a resolução [RC.25/RES.1/08 rev. 1](#), explicitamente rejeitando a incursão colombiana.

o que a gente às vezes chama de liderança institucional: eu vou criar uma nova estrutura e o fato de outros aceitarem aquilo, no fundo, é um reconhecimento da minha legitimidade. Como os americanos dizem, *institutional entrepreneurship* – o que a China está fazendo, no fundo. Cria o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura³⁰, todos os países querem fazer parte... É um reconhecimento...

V.C.L. – do seu peso e liderança.

O.S. – Então, isso, imagino que também esse comentário precisa ser visto no contexto de uma iniciativa regional brasileira, não é? Inclusive, quando eu falei com o embaixador Antonino Marques Porto³¹, que esteve em Quito durante esse episódio, ele brincava que o Nelson Jobim basicamente morava na casa dele, na residência. Ou seja, o Nelson Jobim se tornou um dos elementos mais visíveis da institucionalização de um projeto regional brasileiro, que foi por meio desse Conselho. E o Jobim é uma pessoa com muita desenvoltura, com muita capacidade de articular isso, talvez até mais do que o Celso Amorim, porque o Celso estava talvez mais preocupado com questões de ordem global, talvez.

V.C.L. – Extra regional.

O.S. – Extra regional. Exato. Então eu acho que isso, de certa maneira, uma rejeição dessa pode ser interpretada como uma rejeição de uma iniciativa brasileira, dizer: “Vocês não nos ajudam e vocês vêm aí agora com um Conselho. Para que serve? Vocês não estão nem aí para o nosso conflito aqui”. Não é? De certa maneira.

V.C.L. – Aí essa questão da motivação última desse movimento do Uribe, só se ele vier prestar um depoimento aqui nós vamos entender. Certamente, sim, eu não descarto essa possibilidade, que também, ao dizer: “Vocês nunca nos ajudaram e agora vocês vêm com essa ideia”, [isso] seja antes de mais nada [uma atitude] contra o Brasil, embora claramente quando ele disse “*Nuestros vecinos nunca nos ayudaron*”.

O.S. – Claro. Ou seja, é uma coisa geral.

V.C.L. – Mas se a iniciativa do Conselho era, e é, brasileira, obviamente que nós estávamos assumindo uma liderança contra a qual ele se voltava. A própria criação da Unasul, como você sabe, encontrou uma reação na Colômbia muito negativa. O próprio Juan Manuel Santos que depois teve que se penitenciar mais tarde como presidente, disse: “Para que mais uma organização? Nós já temos a OEA”.

O.S. – O que diz muito, aliás, também, sobre o papel da Colômbia na região e as dúvidas que a Colômbia tem em relação a qualquer projeto regional. Parecia que até que via pouca utilidade na criação de algo que só englobava a América do Sul.

V.C.L. – Certo. Nessa questão de confiança e desconfiança, que eu acho que era de parte a parte – como eu disse, era quadrilateral a relação –, há um dado que só veio a me ocorrer depois que eu deixei a Colômbia: o Brasil não despertava confiança, além daquela de um respeito, certo? De um respeito a – digamos assim – a uma certa ética diplomática brasileira que se refletiu nos resgates, que a Colômbia aceitou que fosse o Brasil, as FARC aceitaram que fosse o Brasil...

O.S. – Isso foi em 2009?

V.C.L. – A primeira foi em 2009.

O.S. – Isso.

V.C.L. – A segunda em 2010 e a terceira em 2011. Portanto, mal ou bem, as duas partes entendiam que o Brasil era um ator que podia prestar esse serviço – ainda que a operação não fosse nossa. A operação

³⁰ O Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura é uma instituição financeira internacional proposta pela China. O banco começou suas operações em 2016 e tem sua sede em Pequim.

³¹ Antonino Marques Porto foi embaixador do Brasil em Quito, Equador, de 2006 a 2010.

era da Cruz Vermelha³². E a Cruz Vermelha... Isso foi dito por eles, e depois confirmado pela embaixadora da Suécia: a Cruz Vermelha queria a Suécia.

O.S. – Ah, eu não sabia disso.

V.C.L. – Só que a Suécia, a embaixadora Lena Nordström³³ – uma pessoa extremamente ativa, muito articulada, muito conhecedora da realidade colombiana, [que] já estava lá há uns tantos anos, *authoritative*, nesse sentido – ela me disse isso: “Como é que eu vou trazer helicópteros da Suécia até aqui? Só o Brasil pode fazer isso”.

O.S. – Claro.

V.C.L. – “Só o Brasil podia fazer isso, vocês têm que recorrer ao Brasil” – [ela] falou à Cruz Vermelha. E aí a Cruz Vermelha veio a nós, e nós evidentemente fizemos, mas eu recebi a instrução de estabelecer perante a Cruz Vermelha a seguinte condição: era necessário que houvesse uma concordância explícita das duas partes, das FARC e do governo da Colômbia, de que nós estávamos autorizados a fazer essa operação, sob a supervisão, enfim, e a iniciativa da Cruz Vermelha.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Só que nós não falamos com as FARC. Eu assumi o compromisso de ir ao governo colombiano e perguntar se eles estavam de acordo e a Cruz Vermelha, então, que se comunicava com as FARC e recebeu realmente o retorno de que, sim, que estavam de acordo. Não havia alternativa.

O.S. – Bom, em teoria poderia ter sido... – mas obviamente não aceitado pelas forças FARC... – ...um helicóptero americano, venezuelano, etc.

V.C.L. – Nós éramos, digamos assim, *second best* nessa situação.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Até porque mesmo com os helicópteros estacionados em Manaus, dois helicópteros a cada operação, era uma operação muito complicada. Porém, o que me chamou a atenção, tendo saído da Colômbia – eu vi o anúncio das negociações das FARC com o governo colombiano – o que me chamou atenção foi que a desconfiança não era só do governo colombiano: as próprias FARC também tinham desconfiança em relação ao Brasil.

O.S. – Por que?

V.C.L. – Porque foram a Havana. Havana era, sim, uma força capaz de trazer as duas forças à mesa. Ela foi vista, sim, por incrível que pareça, como um mediador, um facilitador mais confiável que o Brasil. Isso é muito interessante, porque essa percepção eu só vim a ter depois que eu saí de lá, quando vem a público o anúncio das negociações que já vinham se realizando há alguns meses em Havana. O curioso nessa história também é o seguinte: pouco antes de terminar o mandato do Uribe – as eleições na Colômbia foram em maio de 2010 – em fevereiro de 2010, portanto, quase ao apagar das luzes, eu recebi um pedido, um telefonema do alto comissário da Colômbia para negociações de paz. Era o Frank Pearl³⁴.

O.S. – Sim

V.C.L. – Ele tinha esse nome inglês. E ele queria se reunir comigo, acho que ele queria se reunir comigo na residência da Embaixada, eu disse: “claro”. [Pearl disse:] “Mas eu quero ir num sábado, ou num

³² O Comitê Internacional da Cruz Vermelha é uma organização humanitária fundada em 1863 com o objetivo de oferecer proteção e suporte a vítimas de conflitos armados. A instituição tem sua sede na Suíça e recebeu o Prêmio Nobel três vezes.

³³ Lena Nordström foi embaixadora da Suécia na Colômbia de 2005 a 2011.

³⁴ Frank Joseph Pearl González é um economista e político colombiano. Ele atuou como alto comissário para a Paz de 2009 a 2010 e alto conselheiro presidencial para a Reintegração Social e Econômica de Pessoas e Grupos Armados de 2006 a 2010, sob o governo de Álvaro Uribe.

domingo...” [risos]. [Eu disse:] “No dia e na hora que você determinar”. Eu não sei se foi em um sábado ou em um domingo, eu só sei que não foi em um dia útil. Eu o recebi de manhã e ele falou: “Isso aqui é um assunto de extrema delicadeza, mas há uma possibilidade de que nós tenhamos um encontro com as FARC, de alto nível, e nós gostaríamos de saber, pela proximidade, se esse encontro secreto – absolutamente secreto – pode ser realizado em território brasileiro, nas proximidades da fronteira, e se vocês estariam em condições de garantir sigilo absoluto e garantir, um *locus*”. [Eu respondi:] “Bom vou ver com Brasília em que medida isso pode ser atendido, sempre foi do nosso interesse contribuir...”. E a resposta não tardou. A resposta levou alguns pouquíssimos dias: “Sim”. E dando inclusive as coordenadas. “E depois poderemos dar mais detalhes e nos encarregaremos...”. Isso foi o Ministério da Defesa, hein...

O.S. – Ah, foi o Jobim que...

V.C.L. – O Ministério da Defesa: “Nos encarregaremos...”. Eu acho que ele ainda estava à frente do Ministério da Defesa. Claro que veio pelo Itamaraty, mas a consulta foi o Ministério da Defesa. E há um detalhe importante: a resposta do Ministério da Defesa, que foi positiva, deixava claro que: primeiro, isso aí deve ter sido filtrado pelo Itamaraty, porque nós gostaríamos de aparecer como observadores, ter presença como observador, mas do Ministério da Defesa ficava muito claro que o sigilo seria de tal ordem, de tal modo garantido, que nenhum outro órgão de segurança poderia saber da reunião.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Isso tem a ver com o fato de que havia pedidos de prisão pendentes, sobre algumas lideranças das FARC na esfera internacional. Pense, se a Polícia Federal é informada, ela automaticamente tem a obrigação de prender. Então a resposta foi: “Sim, e faremos todo o possível para garantir absoluto sigilo, mas gostaríamos que vocês considerassem a nossa participação como observador”. [E a resposta da Colômbia foi:] “É capaz de nós termos dois países outros assistindo a reunião...”.

O.S. – Eles falaram isso?

V.C.L. – É, mas não falaram do Brasil. Eu disse: “Mas nós gostaríamos de estar presentes. Nós não queremos assumir nenhuma função de mediação, nós queremos apenas observar”. E ele pareceu aquiescer, até porque seria muito esdrúxulo se nós fôssemos excluídos daquilo, mas não prosperou, e era óbvio que não prosperaria em fevereiro uma iniciativa com o governo que ia acabar em agosto. E aí morreu. Nunca mais ele voltou.

O.S. – Ah, a reunião ia acontecer em Tabatinga³⁵ ou...?

V.C.L. – Não. No meio da selva.

O.S. – Perto de Letícia?³⁶

V.C.L. – Ali existe um batalhão. Eu não me recordo das coordenadas, mas não eram coordenadas óbvias.

O.S. – Entendi.

V.C.L. – Não eram coordenadas óbvias. Ali existia um batalhão do exército brasileiro, de guerra na selva, que fica ali, realmente, em Tabatinga. Não sei você já visitou a região...

O.S. – Sim.

V.C.L. – É uma cidade... Tem uma rua que separa os dos países. E o batalhão fica um pouquinho mais distante... Ali também há Polícia Federal, ali também há Receita Federal, representantes da receita, polícia, etc... Esse é um fato muito interessante porque, ao apagar das luzes do governo Uribe, e em uma iniciativa que me parece, do ponto de vista de *timing*, descabida àquela altura dos acontecimentos,

³⁵ Cidade brasileira na fronteira com a Colômbia.

³⁶ Cidade colombiana na fronteira com o Brasil.

eu não sei se era apenas um faz de conta, uma última iniciativa do Uribe para dar alguma satisfação de que ele realmente tentou alguma coisa...

O.S. – Isso..

V.C.L. – Mas obviamente que as FARC não se interessaram. A resposta das FARC jamais veio e aquilo caiu no esquecimento.

O.S. – Agora voltando à visita do Nelson Jobim. Ele então liga para o presidente e conta sobre essa reação? Durante seu tempo em Bogotá, essa proposta, como ela avança? E como como continua essa conversa a respeito? Porque a Unasul se consolida de alguma maneira, a Colômbia acaba cedendo... Como acontece?

V.C.L. – Acontece da seguinte maneira: Jobim vai e tem esse rechaço. Isso é como eu disse a você, o Jobim visita em abril...A primeira proposta surge levada pelo Jobim ao Uribe em abril de 2008.

O.S. – Certo.

V.C.L. – É, bom, em abril a proposta é rechaçada. Em maio a Unasul é assinada em Brasília. Em 20 de julho, o Lula vai à Colômbia a convite do Uribe... Você vê que as relações de alguma maneira se aqueceram, e eu acho que isso já era resultado de uma percepção do Uribe de que estava em um isolamento insuportável. A Unasul é assinada em Brasília, o Uribe vai à assinatura em Brasília – depois eu posso até contar um ou outro detalhe interessante dessa visita – tiveram praticamente conversas muito tangenciais, porque todos chefes de Estado estavam presentes, não havia tempo ... Mas ele vai a Brasília, assina, e em 20 de julho, a convite dele, o Lula comparece a cerimônias de comemoração da independência da Colômbia, que deliberadamente foram realizadas em Letícia, na fronteira com o Brasil. Também está o Alan García³⁷...

O.S. – Interessante...

V.C.L. – Há um desfile militar – não podia deixar de ser – no qual tomam parte tropas brasileiras do batalhão da selva. Ou seja, um desfile de tropa estrangeira é uma coisa a se admitir em circunstâncias absolutamente excepcionais: tropa estrangeira não desfila em um país a não ser em uma demonstração de amizade, de confiança, uma simbologia muito importante... Nessa ocasião, portanto, pós-Unasul, que o Uribe acede à ideia de um Conselho de Defesa. Reuniram-se, então, de manhã em uma fazenda que havia pertencido ao Bolívar e reuniram-se ali o presidente, o Jobim... – o Celso não foi nessa ocasião, se não me falha a memória. Do lado colombiano estavam Uribe, o chanceler Jaime Bermúdez³⁸, pessoal acho que da área militar. Foi muito fechado, eu não entrei. Três pessoas do nosso lado e lá se trancaram. Durante umas duas ou três horas ficaram trancados. E, ao final, houve uma concordância do Uribe, impondo duas condições: a de que esse Conselho de Defesa em nenhuma hipótese daria, concederia qualquer ato de reconhecimento de que as FARC pudessem ser assemelhadas a algum grupo militar insurgente, certo? Portanto, nenhuma legitimação poderia ser dada em nenhum momento. E, segundo, que todas as decisões fossem tomadas por unanimidade...

O.S. – Claro, claro.

V.C.L. – E com essas condições o Conselho foi estabelecido.

O.S. – Interessante, porque daí realmente a gente vê também que não é viável para um país ficar totalmente isolado e depender inteiramente dos Estados Unidos. Já havia algum interesse de engajar...

V.C.L. – Começa aí. Mas como eu disse a você, eu acho que o que o Uribe fez foi dar alguns passos talvez para desanuviar o ambiente. Eu acho que ele sentiu que era um ambiente profundamente carregado contra ele. Vamos dizer assim, isso era ruim para a autoridade dele dentro da Colômbia,

³⁷ Alan García foi presidente do Peru de 1985 a 1990 e de 2006 a 2011.

³⁸ Jaime Bermúdez Merizalde é um advogado e político colombiano. Ele atuou como ministro de Relações Exteriores da Colômbia de 2008 a 2010, sob o governo de Álvaro Uribe.

porque aquilo aparecia na televisão: os países se reuniram e ele era criticado. Houve uma reunião do Grupo do Rio³⁹ logo depois do ataque ao Equador. A reunião já estava marcada.

O.S. – Exato.

V.C.L. – Por coincidência foi no dia 5 de março na República Dominicana e foi ali que o Uribe pediu desculpas e abraçou o Rafael Correa⁴⁰. Enfim, mas era uma reunião que se transformou obviamente em um julgamento do Uribe, que passou o tempo todo ali no banco dos réus, ouvindo todo tipo de crítica.

O.S. – Claro. E o Uribe provavelmente foi criticado pela oposição colombiana.

V.C.L. – É, eu acho que tem os dois lados, não é? Porque eu preciso dizer a você o seguinte: em nenhum momento, no período em que eu estive lá, eu tive alguma sensação de que a maioria da população não estivesse maciçamente a favor da política de *mano dura* do Uribe, pelas razões que eu expliquei. Quer dizer, o Estado colombiano tinha chegado a tal ponto de desmoralização que a população já não podia mais confiar no Estado como o detentor do monopólio da força, ou capaz de impor sua autoridade em qualquer parte do território...A população fica se sentindo à mercê de quem quer que seja. A recuperação do Estado colombiano começa com o Plano Colômbia. E aí se estende, se amplia, com a chegada do Uribe. Quando eu estive lá, nós estávamos falando ali de uma ajuda militar da ordem de 600 milhões de dólares por ano, com todo tipo de assistência, inteligência e treinamento, etc. Aquilo foi aos poucos se mostrando para os colombianos como a única saída possível e que aquele homem estava certo. Você viu o tamanho do apoio ao Uribe quando o acordo foi rechaçado⁴¹...

O.S. – Isso, exatamente, até hoje. Isso foi em 2016.

V.C.L. – O Juan Manuel não submeteu por uma segunda vez, não é? Vai ser como a Theresa May⁴²: ela não vai submeter um segundo referendo⁴³, se não, será derrotada [risos]. Mas o que eu queria dizer é que não havia dúvida na população, na maioria – e eu diria – esmagadora da população colombiana, de que aquela política era a única política viável.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Intransigência absoluta. Com todas as consequências que isso teve de desrespeito aos Direitos Humanos, episódios que se tornaram escândalos na época. Episódios dos “falsos positivos”, ou seja, pessoas comuns, civis, eram assassinados e apresentados como guerrilheiros abatidos para aumentar o *body count*.

O.S. – Exato, porque havia um sistema de incentivos...

V.C.L. – De incentivos...

O.S. – Isso quer dizer que, também, na sua opinião, a atuação em território equatoriano teve, a princípio, apoio público colombiano?

³⁹ O Grupo do Rio foi uma associação de países da América Latina para consultas políticas. Ele foi formado em 1986 e foi dissolvido em 2010, em razão da criação da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC).

⁴⁰ Rafael Correa foi presidente do Equador entre 2007 e 2017 pelo partido *Alianza País*.

⁴¹ Em 2016, os acordos de paz entre o Estado colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) foram submetidos a um plebiscito. Em meio às campanhas, o ex-presidente e senador Álvaro Uribe foi uma das principais vozes em oposição à proposta, contrapondo-se ao então presidente Juan Manuel Santos. O resultado da consulta foi de rejeição, com uma diferença de menos de 1% entre votos a favor e contra a medida. Contudo, o governo prosseguiu com a assinatura dos acordos.

⁴² Theresa May é uma política inglesa que atuou como primeira ministra do Reino Unido de 2016 a 2019, quando renunciou em meio ao processo de negociação da saída do Reino Unido da União Europeia.

⁴³ O Referendo sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia, conhecido como *EU Referendum* ou *Brexit Referendum*, foi uma consulta popular ocorrida em junho de 2016. O resultado foi a vitória de opção pela saída, com 52% dos votos válidos, contra 48% favoráveis à permanência.

V.C.L. – Eu não tenho a menor dúvida. Aquela revolta que começa com Chávez, porque... Não sei se você se inteirou desse episódio: em um primeiro momento, o Uribe liga ao Rafael Corrêa...

O.S. – Às 8 da manhã do dia seguinte, sim.

V.C.L. – Diz: “Olha, aconteceu... Parece..”.

O.S. – Sim. Isso.

V.C.L. – O Corrêa liga para o Chávez e o Chávez diz: “Você não acredite, ele é um mentiroso”.

O.S. – Claro.

V.C.L. – “O Uribe é um mentiroso”. A partir desse momento começa a se desenrolar um teatro extraordinário com o Chávez a todo momento na televisão fazendo os pronunciamentos mais vociferantes em relação ao Uribe.

O.S. – Você acredita que foi esperado, previsto pelo governo colombiano de que poderia chegar a haver um envolvimento venezuelano?

V.C.L. – Eu acho que não no ponto em que aconteceu... Eu acho que ele achou que uma palavra dele ao Corrêa: “Olha, entrei um pouquinho... Não cometi nenhum estrago maior...” Ele achou que aquilo poderia resolver o assunto. E acho que ele estava confiante de que conseguia *get away with murder*.

O.S. – Literalmente...

V.C.L. – Literalmente. Eu acho que ele estava disposto a pagar o preço, mas eu não acredito que ele achasse que o preço fosse ser tão alto.

O.S. – Sim. A comunicação daquilo... Como a gente pode imaginar isso? A Embaixada fica sabendo pela televisão? Porque há adidos militares na Embaixada, não é? Eu acho que o Brasil tem adidos militares em toda a América Latina.

V.C.L. – Sim, pela América do Sul, com certeza.

O.S. – É, também em função da fronteira...

V.C.L. – Não, porque nas primeiras horas do dia já estava na televisão...

O.S. – Certo.

V.C.L. – A operação ocorreu na noite de 28 de fevereiro para primeiro de março...

O.S. – Exato.

V.C.L. – Chegou na madrugada de primeiro de março. Nas primeiras horas de primeiro de março, a notícia já estava completamente difundida, inclusive que o Rafael Correa tinha recebido uma ligação do presidente Uribe para explicar o que tinha acontecido.

O.S. – Exato. Tem um vídeo⁴⁴ famoso do Rafael Correa em que ele está em uma conferência de imprensa que começa de maneira muito amigável, mas a cada minuto que ele fala dá para sentir que...

V.C.L. – Ele vai mudando o entendimento dele da gravidade [do] que aquilo representava...

O.S. – Porque depois as Forças Armadas equatorianas fazem uma visita e percebe-se que aquilo talvez não era necessariamente uma perseguição...

V.C.L. – *Hot pursuit*.

O.S. – *Hot pursuit*. Mas era muito mais um bombardeio...

⁴⁴ O vídeo mencionado pode ser visualizado através do seguinte endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=BGP023koOrk>

V.C.L. – Operação, um bombardeio, com armas pesadas e tudo...

O.S. – A dois quilômetros da fronteira e, possivelmente, com uso de tecnologia dos Estados Unidos.

V.C.L. – Isso.

O.S. – Eu acho que esse episódio é interessante porque uma das maneiras como a gente define liderança regional é justamente a capacidade de prover bens públicos regionais. Ou seja, ter uma influência positiva na região e uma das coisas muito interessantes sobre esse episódio são os comentários do governo americano. A Condolezza Rice⁴⁵ visita Brasília depois, e aí tem aquela visão típica americana, não é? Ela diz: “Pois é, aquela situação não foi nada fácil, mas a gente ficou mais tranquilo porque sabíamos que o Brasil estava por perto acompanhando a situação”.

V.C.L. – [Risos]

O.S. – Na concepção americana, a grande contribuição que o Brasil pode dar é justamente cuidar de pequenos problemas para que os Estados Unidos não tenha que se envolver. Nós conversamos com algumas das pessoas da Casa Branca que acompanhavam a situação e havia a percepção de que os Estados Unidos naquele momento não tinha legitimidade para fazer nenhum tipo de mediação, porque, corretamente, eles sabiam que seriam vistos como um ator parcial naquilo.

V.C.L. – Naturalmente.

O.S. – Inclusive pela possível assistência tecnológica...

V.C.L. – Exato.

O.S. – Agora, é engraçado, no Brasil aquele comentário da Condolezza Rice gera uma reação, mas seu comentário mostra que talvez não era bem assim: o Brasil, com a maior proximidade do Brasil com a Venezuela naquela época, não necessariamente seria aceito como mediador. Há acusações, o Chávez chama a Colômbia de “Israel da América do Sul”, muito interessante, não é? O que justamente se refere a esse isolamento. E aí há uma movimentação de tropas para a fronteira com a Colômbia.

V.C.L. – É...

O.S. – Isso gera um impacto grande na percepção da Europa, dos Estados Unidos. Movimento de tropas para fronteira, tensão geopolítica... Será que o Brasil, que está nessa época já se projetando como ator com ambições globais, não consegue lidar com aquilo? Porque obviamente, de fora, lá não se sabe desses detalhes que nós estamos discutindo aqui. Então existe aí, realmente, um momento de tensão. Há uma articulação interessante: o Celso Amorim por um lado condena, por outro lado, diz que também não é tão sério assim. Ou seja, busca reduzir a tensão. Na sua percepção, a Colômbia vê no Brasil um ator que possivelmente poderia ajudar a pôr panos quentes, ter algum papel naquilo? Ou a Colômbia diz: “Não me importa. Se os venezuelanos quiserem nos ameaçar, nós temos os Estados Unidos”? E aí, na República Dominicana, o Uribe adota um tom muito cauteloso, pede desculpas... – o que é uma coisa estranha. Parece que até eles ficam um pouco sem confiança para confrontar a região como um todo, não é?

V.C.L. – Não há dúvida disso. Não há dúvida, Oliver. Primeiro, a sua pergunta: “Que posição teria o Brasil naquele momento?”: o Brasil não foi – e nem podia ser – um ator que, não obstante sua opção preferencial pela Venezuela, desejasse colocar lenha nessa fogueira. Não faria sentido algum você ter dois países vizinhos no seu arco amazônico... Iniciar escaramuças ou o que quer que seja, e o Brasil estimulando um dos lados... O Brasil não. O Brasil obviamente teve uma percepção muito clara de que tinha havido um fato grave, mas não cabia, nem podia o Brasil dizer: “Olha, foi de uma gravidade absoluta e isso aí não vai ficar assim”. Certo? Porque não seria o papel do Brasil. Mas o Brasil logo de saída... – o Celso Amorim me telefonou nessa noite.

⁴⁵ Condolezza Rice foi secretária de Estado dos Estados Unidos de 2005 a 2009 e conselheira de Segurança Nacional entre 2001 e 2005.

O.S. – Foi. Ah, então ele liga no dia no próprio dia que isso vaza?

V.C.L. – No dia que isso veio a público. Ele liga nesta noite. Esse dia foi tomado por declarações do Chávez. Ele [Celso Amorim] me liga em determinado momento e me diz: “A Colômbia tem que pedir desculpas”. Ele não disse: “A Colômbia tem que ser condenada de qualquer maneira”. Ele dá a entender claramente que a saída é a Colômbia pedir desculpas. E, portanto, isso eu acho que sinaliza da parte dele um interesse em encontrar uma saída que fosse honrosa para ambas as partes. A Colômbia vai lá, se penitencia publicamente, desculpas públicas, e o Equador, enfim, magnanimamente aceita aquilo e o episódio é contido naquelas proporções. Essa foi a posição dele, a saída: a Colômbia tem que pedir desculpas. E aí eu acho que houve troca de telefonemas entre diversos chanceleres, que eu não acompanhei, e aí a coisa foi se encaminhando em um leito que não havia sido traçado para isso, que era a reunião do Grupo do Rio.

O.S. – Isso.

V.C.L. – Que aí converge toda aquela tensão entre primeiro de março e cinco de março. São quatro dias de grande tensão. Eu digo, dentro da Colômbia, porque você via a imprensa toda dizendo claramente: “A Colômbia está isolada”. Toda a região está contra a Colômbia.

O.S. – Ah, a imprensa colombiana?

V.C.L. – Não me recordo dos editoriais, mas o que se via no noticiário era a reação da região.

O.S. – Claro. De fato, não havia nenhum país abertamente defendendo a Colômbia. Apesar de que poder-se-ia fazer um certo... – vamos dizer, não que eu concorde com isso – Mas o Santos foi o que, talvez, mais enfaticamente defendeu essa operação, assumindo que sim, isso ocorreu, mas dizendo que havia... – isso foi até antes da análise dos dados do computador – dizendo que o Equador não tinha prestado nenhum tipo de assistência no combate contra esse grupo.

V.C.L. – É. Sempre foi essa a acusação, né? “Davam guarida”. A acusação foi de que tanto o Equador como a Venezuela davam guarida. Porque, no fundo, se você olhar a evolução do que foi a política do combate à guerrilha, o resultado disso foi só não uma redução quase pela metade ou mais dos efetivos da guerrilha, que atingiu seu auge talvez em 1999, na virada do século – ali podiam ser vinte a vinte e cinco mil pessoas [e] no final do governo Uribe não havia mais de oito mil e esses efetivos se refugiaram nas extremidades norte e sul do país. E, obviamente, usavam essas regiões de fronteira um pouco como escudo. Isso se sabia, embora sempre [fosse] desmentido por parte das autoridades tanto do Equador quanto da Venezuela: “Nós não temos conhecimento da existência disso...”

O.S. – Isso. Inclusive na imprensa equatoriana na época havia relatórios sobre a possível presença em território equatoriano, que havia inclusive uma espécie de turismo para essas regiões... Eu não sei se chamava “*terror tourism*”. Havia alguns aventureiros aí que visitavam aquilo, era uma romantização, com a presença de alguns europeus que queriam fazer parte do movimento;

V.C.L. – Ah, isso eu não sabia. Nunca soube.

O.S. – E que havia um trânsito frequente de pessoas para o norte do Equador. Então eu concordo: não era um segredo, nesse sentido...

V.C.L. – É... Era um segredo de polichinelo e, obviamente, o que depois se alegou foi que os computadores confirmaram não somente que a presença ocorria, como que havia contatos que davam a entender que havia acobertamento. Ou seja, que as altas autoridades dos países tinham conhecimento, mas que faziam vista grossa. Essa leitura é que veio a ser feita depois de processados os dados que foram tirados do computador do Raúl Reyes.

O.S. – Isso, e vários deles foram divulgados também.

V.C.L. – Eu acho que – voltando à sua pergunta – eu acho que sim: que o Brasil, não obstante sua aliança não escrita com os dois outros governos ali, com Venezuela e Equador – aquela opção

preferencial, se você quiser – e, claramente, uma posição anti-colombiana por tudo aquilo que nós já dissemos, o Brasil não pôs lenha na fogueira.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Quer dizer, assumiu uma posição responsável naquela situação e eu acho que teve seu peso no momento da reconciliação. Agora, também eu ignoro que conversas teriam ocorrido, se ocorreram, entre os chanceleres... O que eu posso dizer a você é isso: a primeira reação do Celso foi dizer: “A Colômbia tem que pedir desculpas”. Por telefone ele me disse isso.

O.S. – O senhor teve que transmitir essa opinião ou isso possivelmente foi transmitido de chanceler para chanceler direto?

V.C.L. – Ah, não. Em nenhum momento isso me foi pedido, que eu transmitisse isso. A mim, não foi dada nenhuma instrução. Nessa ocasião ele me deu uns dois ou três telefonemas. Num dos telefonemas, é muito interessante, ele me pergunta: “O que que você acha que o Chávez quer na Colômbia?”

O.S. – Uma pergunta muito interessante.

V.C.L. – Eu disse: “Eu acho que o Chávez não tem o sonho da *Gran Colombia*⁴⁶. Isso seria... [risos] até podia ter, mas aí estaríamos falando de um caso de desvario total [risos]. Mas ele quer, sim, ter na Colômbia um partido bolivariano forte. Acho que esse seria o grande objetivo dele”. Ou seja, participar do jogo político da Colômbia, com um partido bolivariano aliado, etc. Não tomar a Colômbia. Eu acho que o interesse maior dele seria esse: conseguir, enfim, reunir, arregimentar forças para o nascimento de um partido bolivariano na Colômbia. Isso... eu disse, essa era a minha opinião, que eu continuo tendo. Eu acho que ele não tinha nenhuma ambição territorial ali. Aquilo seria, no contexto latino-americano, totalmente inviável. Mas ele tinha sim uma, um interesse político transfronteiriço.

O.S. – Claro, como parte de um projeto de liderança venezuelana na região...

V.C.L. – Exatamente.

O.S. – O que hoje a gente esquece quando tem toda essa conversa sobre aliança Brasil-Venezuela: que também tem um outro elemento dessa história toda que é uma iniciativa regional venezuelana. Uma projeção de influência não controlada pelo Brasil, e que transforma o Chávez em uma pessoa de grande visibilidade, inclusive global, que de certa maneira atrapalha um pouco o projeto regional brasileiro.

V.C.L. – Sem dúvida, o outro dado interessante que eu queria acrescentar aqui, que eu acho que vale a pena para compor esse quadro da relação, nesse caso, trilateral – porque a quadrilateral, a qual eu fiz referência, tem os dois atores laterais sempre ausentes, certo? Só que um interage, que é o Chávez, interage com os dois outros, com o Lula e com o Uribe. Os americanos não. Os americanos são aliados que estão na sombra. Estão na retaguarda e são os provedores de tudo que a Colômbia faz e precisava fazer. O que eu quero dizer é o seguinte: eu participei acho que de três encontros do Lula com o Uribe e era muito interessante porque o *leitmotiv* era uma queixa permanente do Uribe ao Lula sobre o Chávez: “*Pero, Lula, este hombre me insulta, me insulta*”, “Você tem que me ajudar”. E eu me lembro na residência, nessa visita do 20 de julho, o Lula passou umas duas horas em uma sala fechada, uma recepção na Embaixada... Aliás, a popularidade do Lula era extraordinária na Colômbia, era extraordinária. Era um sábado à noite e você não calcula o que eu tive de visitas ilustres dentro da Embaixada para ver o Lula, para abraçá-lo. Pois esses dois [Lula e Uribe] ficaram com seus respectivos embaixadores e ministros dentro de uma sala que eu reservei. Foram duas horas de conversas, de queixas permanentes do Uribe em relação ao Chávez.

O.S. – E como o Lula reagia a essas queixas?

⁴⁶ Grã-Colômbia é o nome dado por historiadores para se referir ao Estado (então conhecido como República da Colômbia) que abrangia os territórios da atual Colômbia, Venezuela, Equador e Panamá, assim como partes do Peru, da Guiana e do Brasil. O país existiu desta forma de 1819 a 1831.

V.C.L. – E o Lula tentando colocar panos quentes e dizia: “Olha, Uribe, eu vou dizer a você, você tem que ter paciência. Você tem que ter paciência com o Chávez”.

O.S. – Você acredita que o Uribe talvez tinha uma noção exagerada da influência que o Lula poderia ter sobre o Chávez?

V.C.L. – Eu acho que sim. Eu acho que ele achava que havia uma influência maior do que efetivamente havia, mas [essa era uma] impressão que o próprio Lula tentou desfazer, porque ele disse: “Olha Uribe, se eu gastasse com minha mulher o tempo que eu gasto conversando com o Chávez, meu casamento estaria muito melhor” [risos].

O.S. – Que incrível não? [Risos]

V.C.L. – Ou seja, “o Chávez me telefona, o Chávez também me fala mal de você, o Chávez...”. Então o Lula, embora o coração dele claramente pendesse para um lado, ele procurava tentar uma aproximação dos dois que era inviável, havia uma incompatibilidade total, mas ele não me pareceu do lado de lá, que ele fizesse um jogo de intriga. Ele fazia um jogo construtivo que tentava uma aproximação. É, por isso, pelo que você mesmo disse: o protagonismo do Chávez e o antagonismo com a Colômbia eram, de certa forma, forças que minavam um pouco o projeto brasileiro.

O.S. – Sem dúvida, e uma incapacidade, no fundo, de resolver aquilo.

V.C.L. – É, de resolver aquilo.

O.S. – Agora, você pode talvez opinar sobre isso, porque acho que nosso grande trabalho agora é analisar essa época como um todo e dizer se o Brasil conseguiu ou não exercer uma liderança com papel visível na região. Uma utilidade pública, por assim dizer, do Lula foi também de absorver e receber queixas, né?

V.C.L. – Isso. Era um confessionário.

O.S. – Era um pouco como dois irmãos que se queixam para o pai dizendo: “O fulano me fez mal aqui” e o outro diz: “Não, veja bem, está tudo bem, vamos tentar resolver aqui”. Ou seja, não podendo resolver os problemas estruturais que são a marca registrada da relação bilateral entre Venezuela e Colômbia – o que que nenhum país do mundo consegue resolver, porque têm interesses opostos – mas pelo menos sendo um interlocutor que tem a capacidade de manter um diálogo com os dois e passar mensagens. O que o Lula, de certa maneira, faz, porque ele diz para o Uribe: “Olha o Chávez está me dizendo a mesma coisa”.

V.C.L. – É... Ele dá a entender que o Chávez é uma pessoa difícil, entendeu?

O.S. – Sim, sem dúvida, claro.

V.C.L. – Obviamente não passa a mão na cabeça do Uribe em nenhum momento, até porque eu acho que havia, como eu disse, havia essa desconfiança de que não era só o Uribe que estava ali.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Havia outra força presente...

O.S. – Ou seja, no sentido de marcar a relação bilateral, porque uma atuação regional inevitavelmente se choca um pouco com a presença americana forte na Colômbia. Ou seja, pelo fato de a Colômbia ter como seu principal aliado estratégico os Estados Unidos. Isso acaba também gerando mais um obstáculo para pautar a agenda regional para, de fato, cuidar dos principais problemas, porque claramente o país, o parceiro principal da Colômbia nessa batalha interna é Washington.

V.C.L. – Sim, sem dúvida. Quando chego à Colômbia em janeiro de 2008, o Uribe já estava no seu sexto ano de governo, o Lula já estava no seu sexto ano de governo. Portanto, já havia uma história aí que me antecede e que antecede o próprio Uribe e que é uma relação que se tivesse que dar certo, já teria dado certo.

O.S. – Ou seja, a essa altura é mais uma questão gerenciar um problema em vez de cultivar avanços na relação.

V.C.L. – Desde o início nunca deu certo, o *Plan Colombia*, quando foi lançado, era o governo Fernando Henrique [Cardoso]⁴⁷, e já foi recebido com imensa suspeita...

O.S. – Isso. Como, aliás, hoje poucos lembram. Ainda domina a narrativa simplista de que o FHC topava tudo que Washington estava pedindo.

V.C.L. – Não era verdade. Eu estava no Brasil, e embora não me ocupasse especificamente dessa questão, eu me recordo. Foi muito mal recebido aquilo. O que veio a se agravar, inclusive: a crise de 2008 é aplacada, mas em 2009 ressurgiu com a autorização às aeronaves americanas de usarem as bases colombianas. Esse episódio reacende tudo. E o Uribe mais uma vez se dá conta do seu isolamento, ou seja, o gesto que ele tinha feito em São Domingos não tinha fincado raízes, não é? E ele vai e faz um périplo, ele visita seis países na região, só não visita Equador e Venezuela.

O.S. – Isso. Que aliás, também é interessante, porque em março [de 2008] o Corrêa também dá uma volta: ele vai a Brasília, ou seja, há duas diplomacias regionais paralelas. O Uribe vai um pouco depois.

V.C.L. – O que acontece com o Uribe, veja só, em 2009, em julho, a Colômbia anuncia o acordo. E aí a reação da região é aquela que você conhece. Em agosto, o Uribe visita Lula e mais seis presidentes, em agosto, ele faz um périplo seis ou quatro e visita seis, sete países em quatro, cinco dias. Ele passou duas horas, se tanto, em Brasília. Eu estive presente.

O.S. – Foi no avião presidencial do Uribe?

V.C.L. – Não, não. Essa ideia de ir no avião acontece em outras situações como uma visita de Estado. O embaixador acompanha, mas acho que é uma coisa que tende a cair em desuso, porque gera um desconforto, é uma coisa eu acho que é um pouco de outro século. O chefe de Estado não tem liberdade, está dentro do seu avião... O embaixador é uma figura estranha, ele [o chefe de Estado] não pode conversar direito com seus assessores.

O.S. – É.

V.C.L. – Mas, enfim. Eu fui chamado, cheguei algumas horas antes no dia anterior e fui assistir à reunião. E a reunião foi extremamente difícil. A reunião não funcionou. O Uribe não saiu da reunião com uma luz verde de forma alguma. Saiu da reunião com a impressão, a certeza de que o Brasil repudiava aquilo, que o Brasil não se conformava com aquela situação. Houve, não só no Brasil como em toda aquela região, um entendimento um tanto equivocado do que era aquilo, porque os Estados Unidos tinham uma base no Equador, que era a base de Manta⁴⁸.

O.S. – Exato.

V.C.L. – Cujo *lease*, cujo tratado que dava sustentação àquilo expiraria, expiraria em 2010. E embora isso nunca tenha sido divulgado, eu tenho certeza, ou quase, de que a Colômbia se antecipou para dizer: “Vem para cá”. Não posso garantir, porque isso jamais foi divulgado. Não se sabe se isso teria sido uma iniciativa americana. Poderia ter sido, porque eram aliados.

O.S. – Claro.

V.C.L. – O outro tinha se tornado inimigo. O Rafael Corrêa só não podia expulsar porque tinha um tratado ali. Na hora que expirou... Pronto, vai embora. Mas juntou a fome com a vontade de comer, vamos dizer assim. Mas houve uma interpretação de que aquilo era uma simples transferência de Manta

⁴⁷ Fernando Henrique Cardoso é um político e sociólogo brasileiro. Ele foi presidente do Brasil de 1 de janeiro 1995 a 1 de janeiro de 2003.

⁴⁸ De 1999 a 2009, a Base Aérea Eloy Alfaro, localizada na cidade de Manta, foi utilizada pelo Comando Sul dos Estados Unidos para operações de combate ao tráfico de drogas.

para o território colombiano, o que não que não era verdade: acho que o acordo era um acordo que dava acesso às bases aéreas – você não tinha realmente lá um destacamento da Força Aérea Americana...

O.S. – Exato, certo.

V.C.L. – Isso aí se esclareceu depois, talvez tenha contribuído para desanuviar um pouquinho o ambiente, mas não muito. Ou seja, toda essa – na percepção colombiana – conspiração do continente contra a Colômbia reacende em 2009 com esse acordo das bases aéreas. Ou seja, teve dois episódios sucessivos em que a Colômbia ficou em um isolamento absoluto. Sendo que no segundo o Uribe se dá ao trabalho de percorrer os países da região. O esforço impressionante do chefe de Estado que vê que ninguém o compreende.

O.S. – Sim. A entrevista que nós fizemos com o Camilo Reyes, de fato, demonstra que não há empatia com a posição brasileira no sentido de dizer: “Bom, eu entendo os porquês do Brasil não querer aquilo”. Isso aí é chamado de um anti-americanismo infantil, de um desrespeito às necessidades de um país irmão.

V.C.L. – Não é colocado também como aspirações hegemônicas do Brasil na região que não deseja concorrentes.

O.S. – Sim. Durante toda essa conversa não há, então, espaço para articular uma visão para o futuro da região.

V.C.L. – Não. Não há. Os presidentes e os chanceleres. O Uribe explica e [e o Lula responde] “Ah... Isso não pode... Nós não queremos... Isso não é possível.”..

O.S. – Aí o presidente certamente disse que tem certas necessidades que precisam ser atendidas.

V.C.L. – É, mas isso ele disse: “Não, mas isso tem que ser resolvido de outra maneira. Nós não podemos aceitar aviões americanos sobrevoando a Amazônia o tempo todo... Esse tipo de coisa com toda a liberdade, sem o menor controle...” e aí começa: “Mas não, a base continuará sendo controlada pelos colombianos. Só os aviões serão americanos...”, como se isso fosse perfeitamente... Não haveria ninguém que fosse aceitar uma explicação dessa, nem acreditar que isso fosse perfeitamente viável. Ele [Uribe] sai da reunião certo de que o Brasil rejeita aquilo. Não fará nada, porque não tem muito o que fazer.

O.S. – Exato.

V.C.L. – Então, você tem aí uma repetição de uma situação de isolamento do que havia já ocorrido no ano anterior. Em última instância, sempre um pouco por conta de um aliado meio invisível, etc...

O.S. – Existe algum grupo, talvez o próprio Santos, no governo colombiano que tenta convencer o Uribe a adotar um tom mais conciliador, que tenta convencer o presidente a fazer algumas concessões à região? E dentro do governo brasileiro, há grupos, à época, que dizem: “Bom, talvez, a gente precise mostrar um pouco mais de empatia com a situação pela qual os colombianos estão passando”? Ou são blocos homogêneos?

V.C.L. – Eu achei monolítico de ambos os lados. Quer dizer, eu ouvi mais o lado de lá: o lado de lá, não havia dúvida. Aquilo era um desdobramento natural da aliança com os Estados Unidos, certo? Talvez até pudesse ir mais além, não houvesse uma reação da região como um todo: eu acho que aquilo podia evoluir sim para uma instalação de bases. Poderia evoluir, se não houvesse uma reação...

O.S. – Isso. Na época, eu acho que eles chamavam isso de “quase-base”, alguma coisa assim.

V.C.L. – É. A ideia de que não haveria bases americanas... Sim, haveria bases colombianas, a que os aviões americanos teriam acesso, etc. Me foi relatado pelo adido aeronáutico depois desse acordo que, em uma conversa social de adidos militares, lá em Bogotá, um americano disse: “Pois é, é uma pena que nós não tenhamos essa liberdade sobre o espaço aéreo brasileiro de voar, sobrevoar a Amazônia como um todo” [risos].

O.S. – Claro.

V.C.L. – “Estamos cerceados aqui neste território pequeno”. É muito engraçado. Agora, não havia, eu acho, nenhuma fissura no bloco colombiano. O Juan Manuel Santos, naquela ocasião, fazia o papel que eu acho que ele tinha que fazer, almejando o que almejara, mostrando ter uma mão dura, tão dura, ou mais dura que o Uribe.

O.S. – Claro, para não ser atacado como um fraco, não é?

V.C.L. – Claro. Eu acho que a opinião pública estava... Esse foi um tema que não sensibilizou. Sensibilizou a reação da região, mas não a [opinião pública].

O.S. – Mas isso gerou uma situação em conversas suas com representantes da sociedade civil, do empresariado, de que o Brasil não estava entendendo a situação?

V.C.L. – Isso não vinha muito à tona comigo não... Com exceção de um ou outro político, por exemplo, a atual vice-presidente, a Marta Lucía Ramírez⁴⁹. Me lembro que, logo depois que eu cheguei à Colômbia, eu estive em um jantar em que ela estava presente. Ela foi muito crítica em relação ao Brasil, sobretudo em relação à ALCA⁵⁰: “O Brasil destruiu a nossa oportunidade, a oportunidade que nós tínhamos de ter acesso ao mercado americano”.

O.S. – Interessante.

V.C.L. – Ela não me repetiu [a crítica], mas eu a encontrei algumas vezes e uma vez ela inclusive me convidou a ir jantar na casa dela, um jantar em que havia mais duas ou três pessoas presentes, dois ou três embaixadores. Eu acho que ela estava querendo um pouco explicar os planos dela – ela sempre teve ambição política. Achou que poderia ser presidente, mas a crítica ao Brasil nunca veio. Mas, obviamente, foi uma crítica que ficou, não é? E que, possivelmente, só se dissolveu, só se diluiu, no momento em que [a Colômbia] negocia o acordo de livre comércio com os Estados Unidos⁵¹. Aí, bom, isso passa, enfim, a ser passado. Sobre esse ponto que eu quero comentar a visita do Marco Aurélio Garcia⁵².

O.S. – Isso. Qual foi o contexto da visita?

V.C.L. – Em fevereiro de 2011, o Marco Aurélio vai a Bogotá. E eu o recebo, e então [ele] me diz que estava indo para ter... – eu pedi as devidas audiências – para fazer uma sondagem sobre a viabilidade de uma adesão da Colômbia ao Mercosul⁵³. Eu fiquei muito intrigado com aquilo, porque a Colômbia já estava em negociações avançadas com os Estados Unidos. Já havia sido assinado, mas não tinha sido ratificado o acordo. E aquilo me intrigou muito, porque me pareceu um projeto que partia de uma premissa absolutamente inviável... A Colômbia tendo negociado acordo de livre comércio com os Estados Unidos vai, de repente, pedir sua adesão à tarifa externa comum! Mesmo que ela quisesse... Coisa que era juridicamente inconciliável... Ou uma coisa ou outra.

⁴⁹ Marta Lucía Ramírez é a atual vice-presidente da Colômbia desde 2018, sendo a primeira mulher a ocupar o cargo. Ela também foi a primeira mulher a ocupar o cargo de ministra da Defesa, de 2002 a 2003, e atuou como senadora de 2006 a 2009.

⁵⁰ O Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA) foi uma proposta de tratado de livre comércio consistindo na eliminação ou redução de tarifas comerciais entre todos os países das Américas, com exceção de Cuba. Sua origem vem da Iniciativa para as Américas, do governo George H.W. Bush e a proposta foi renovada pela administração Clinton em 1994, na Cúpula das Américas. Contudo, as negociações fracassaram devido ao fato de nenhum acordo ter sido alcançado até o prazo de janeiro de 2005.

⁵¹ O Acordo de Promoção Comercial entre Estados Unidos e Colômbia, também conhecido como Tratado de Livre Comércio entre Colômbia e Estados Unidos (TLC), é um tratado bilateral entre os dois países com o objetivo de eliminar tarifas e outras barreiras comerciais. Ele está vigente desde 2012.

⁵² Marco Aurélio Garcia foi político e professor universitário. Atuou como assessor especial do presidente da República para Assuntos Internacionais durante os governos de Luis Inácio "Lula" da Silva e de Dilma Rousseff.

⁵³ O Mercosul é um projeto de integração regional iniciado em 1991, composto originalmente por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A adesão da Venezuela foi reconhecida em 2012, porém o país foi suspenso do bloco em 2016. A Bolívia encontra-se em processo de adesão desde 2015.

O.S. – Não houve uma discussão prévia com você sobre isso?

V.C.L. – Não, não houve. Ele pediu audiência e eu marquei...

O.S. – Interessante.

V.C.L. – Eu não entendi de início se aquilo era... Como é que vinha com uma proposta que era uma contradição em termos? E ele disse: “Mas porque não?”, e eu disse assim: “Marco Aurélio, se a Colômbia...” – isso foi antes da conversa – “se a Colômbia quiser aderir ao Mercosul, ela tem que desfazer o acordo com os Estados Unidos. Não há compatibilidade”. E ele disse: “Por que não? Por que não desfazer?”

O.S. – [Risos]

V.C.L. – Eu disse: “Mas, você tem que... O que os Estados Unidos dão à Colômbia: segurança, mercado, investimentos... O Brasil não pode dar nenhuma das três [coisas]”. Nenhuma das três. Não há escolha possível para eles nessa situação. Eles não vão [dizer:] “Não, isso não é verdade. O Brasil pode apresentar um bom mercado”. Demonstrava um desconhecimento dos fatos, obviamente. Mas eu acho que o projeto político parecia tão fascinante que eu acho que perturbava um pouquinho o julgamento do Marco Aurélio de que aquilo era possível. Fomos ver a chanceler, [que] obviamente disse: “Assim não pode, assim não dá...”. Foi muito delicada. A María Ángela Holguín⁵⁴ uma diplomata...

O.S. – Experiente.

V.C.L. – E negociando: “Não dá para conciliar...”, “...não, mas dá...”, “...vamos ver, quem sabe, uma adesão gradual...”. Mas o Marco Aurélio não via, não conseguia enxergar a inviabilidade daquele projeto. “Mas vamos fazer o seguinte: vamos, então, criar um grupo de trabalho bilateral para a gente explorar isso?” “Está bem”. Nunca se criou, aquilo foi abandonado. Nem isso houve.

O.S. – Uma saída honrosa da reunião.

V.C.L. – Ele não queria sair de lá também de mãos abanando, mas segundo o que me pareceu foi que era uma missão que eu... Eu perguntei: “Mas você se convenceu dessa possibilidade por que?” [e ele respondeu:] “A embaixadora da Colômbia em Brasília me disse que era possível”. A embaixadora da Colômbia em Brasília era Maria Elvira Pombo⁵⁵, que vinha a ser a irmã de Roberto Pombo⁵⁶. Roberto Pombo foi um grande jornalista colombiano, tinha muito prestígio na época que eu estive lá. Não sei se está vivo ainda, talvez esteja, mas tinha muito prestígio. Ela era irmã e tinha trabalhado durante treze anos no escritório de promoção de exportação da Colômbia em São Paulo. Ela fala português como você ou eu – quase sem sotaque – e lá no governo do Juan Manuel, foi nomeada embaixadora no Brasil. Era o sonho dela ser embaixadora.

O.S. – Então ela não era necessariamente uma representante do *mainstream* da política externa...

V.C.L. – Exato. Ela voltou a Bogotá antes de ir e assumiu [a ProColômbia⁵⁷] o que seria, vamos dizer, a APEX⁵⁸ colombiana. Quando eu estive em Bogotá fui visitá-la, naquela rodada de visitas que a gente faz às autoridades, fui visitá-la [e] ela me recebeu de braços abertos, falando português. Me contou de seus anos no Brasil e do sonho dela de ser embaixadora no Brasil, um projeto profissional: “Quero ser embaixadora no Brasil”. E diante da afirmação do Marco Aurélio, eu me perguntava: a mulher era muito

⁵⁴ María Ángela Holguín é uma diplomata colombiana. Ela atuou como ministra de Relações Exteriores de 2010 a 2018 e embaixadora da Colômbia nas Nações Unidas de 2004 a 2006.

⁵⁵ Maria Elvira Pombo Holguín foi chefe do escritório da ProExport (hoje, ProColômbia) em São Paulo e embaixadora da Colômbia no Brasil de 2010 a 2013.

⁵⁶ Roberto Pombo Holguín é um jornalista colombiano. Ele é o diretor do jornal *El Tiempo* desde 2009.

⁵⁷ ProColômbia, antigamente conhecida como Proexport Colombia, é uma agência governamental do poder executivo do Governo da Colômbia encarregada de promover as exportações colombianas, o turismo internacional e o investimento estrangeiro na Colômbia, assim como oferecer apoio a atividades de comércio internacional de empresas colombianas.

⁵⁸ Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) é uma instituição dedicada à promoção de produtos e serviços brasileiros no exterior e a atrair investimento estrangeiros para o país.

experiente, conhece o Brasil, conhece aquela situação. Como é que podia ter instigado o Marco Aurélio a ir à Colômbia fazer uma proposta dessas? Um dia encontrei-me com ela depois disso, aí eu perguntei: “Maria Elvira, de onde surgiu a ideia dessa viagem?” Ela disse: “Foi o Marco Aurélio” [risos].

O.S. – [Risos].

V.C.L. – Ela disse: “Ele me chamou lá e me perguntou se era viável. Eu disse que achava que era muito improvável”. E aí Marco Aurélio disse que foi a própria Maria Elvira... Foi a leitura que ele quis fazer, não é? Não que houvesse má fé, mas era um *wishful thinking*. Esse episódio ocorreu pouco antes de minha saída de lá...

O.S. – Só uma dúvida. Isso aí teve anuência do chanceler? Do presidente?

V.C.L. – Eu acho que havia uma torcida [risos], porque, veja só o contexto: a Venezuela adere ao Mercosul nas condições que nós sabemos. Depois ficou pendente e aí conseguiu...

O.S. – E fez pouquíssimo esforço para se adequar, de fato.

V.C.L. –Então, esse é o ponto de partida para mim: se foi possível acomodar uma Venezuela inacomodável, por que não ter a Colômbia? Adere, depois um dia vamos pensar o que nós vamos fazer com a tarifa externa comum, etc. Eu digo, isso é uma elucubração minha, mas tendo em vista as condições em que a Venezuela declarou o desejo de aderir... Eram condições de tal modo flexíveis – para dizer o menos – que eram extensivas a qualquer outro candidato, porque, no fundo, não se exigia nada a não ser uma espécie de declaração de compromisso político.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Eu acho que era um projeto não declarado de um Mercosul ampliado, que, obviamente, já àquela altura já se via que não podia ser... A Aliança do Pacífico⁵⁹ já estava perfeitamente configurada.... Então acho que foi um derradeiro impulso de cooptação da Colômbia, já no governo Santos...

O.S. – O Marco Aurélio chegou a visitar mais vezes durante seu tempo? Porque ele esteve com frequência em Quito, por exemplo, esteve com frequência em Caracas...

V.C.L. – Que eu saiba, em Caracas era frequente.

O.S. – Infelizmente ele não chegou a sistematizar as viagens...

V.C.L. – Vocês nunca chegaram a recolher um depoimento dele?

O.S. –Não quis fazer, o que eu acho que é uma perda enorme, porque independentemente do posicionamento político, é uma pessoa relevante na história da política externa do PT durante os anos Lula e – talvez em um grau um pouco menor – durante a época da Dilma, não é? Então não existe até hoje, por nenhum historiador, uma tentativa de sistematizar as viagens, as negociações, etc. O que é algo que dificulta a nossa vida nesse sentido, porque acaba sendo necessário juntar informações aos poucos e gerar um mosaico. Agora, ele esteve bastante em Quito.

V.C.L. – Não, a Colômbia não. Não podia acontecer isso. Eu vi o Marco Aurélio nas visitas do Lula, dessa de 20 de julho, dessa missão solitária dele... Não me recordo de nenhuma outra oportunidade, não me recordo.

O.S. – Certo. Imagino que, em função também da ligação direta, o Marco Aurélio teve basicamente mais contato com países mais alinhados a uma agenda Sul-Sul. Qualquer outro país que estivesse mais próximo aos Estados Unidos talvez não parecesse tão interessante.

V.C.L. – Não tinha interesse, não tinha simpatia... Na Colômbia realmente havia uma incompatibilidade total. Mas eu não sei porque veio essa ideia, essa inspiração dele de achar que podia [propor a entrada

⁵⁹ A Aliança do Pacífico é um bloco comercial criado formalmente em 2012, no Chile. Os membros fundadores incluíam Chile, Colômbia, México e Peru. A Costa Rica, o Panamá e o Equador encontram-se em processo de incorporação.

da Colômbia no Mercosul]. Talvez pelo fato de que tinha havido uma ruptura clara entre a política externa do Uribe e a política externa do Juan Manuel Santos: havia uma aproximação por parte da região, uma preocupação. A primeira visita que Juan Manuel Santos fez ainda como presidente eleito, vamos dizer assim, depois foi a primeira visita de Estado que ele fez... Ele foi ao Brasil. Ele veio ao Brasil antes de ir aos Estados Unidos. Isso foi um gesto muito bem pensado e, depois, repetido com a sua primeira visita de Estado ao Brasil. Eu acho que, talvez por ter visto uma guinada muito clara da política externa colombiana com o Santos – que era um político muito mais sofisticado, um pensamento muito mais sofisticado, não era aquela coisa excludente do Uribe – ele achou que talvez pudesse haver margem [para isso]. Mas eu não posso, nunca consegui entender como na cabeça dele alguém pudesse fazer essa opção pelo Brasil naquele estágio, certo? Se os Estados Unidos dissessem: “Nós não queremos um acordo comercial com você...”, aí podia ser: “Tá, por que não?” Mas não, o acordo estava negociado, não tinha retorno aquilo. Era apenas uma questão de negociar os termos que ficaram... Houve um problema no Congresso [dos Estados Unidos]⁶⁰... Conseguiu a aprovação disso com a chegada do Santos...

O.S. – Muito interessante.

V.C.L. – Eu queria que você tivesse presente também o fato de que o Juan Manuel teve um conhecimento do Brasil muito anterior, por conta do café. Ele visitou [o país] várias vezes nessa condição. Eram visitas que tinham uma coloração puramente cafeeira, mas o certo é que ele foi uma pessoa que interagiu com o Brasil em Londres, em Brasília, no Rio, etc., em diversas reuniões dos grandes líderes do café. Ele, portanto, tinha essa vivência anterior: o Brasil, para ele, não era uma quantidade desconhecida...

O.S. – Claro.

V.C.L. – Claro que era uma coisa muito setorial, mas com a informação, eu acho que ele conseguia ter uma compreensão de Brasil infinitamente maior, antes mesmo de ser chefe de Estado.

O.S. – Certo. É interessante também que só o Santos que iniciou o reestabelecimento das relações plenas com o Equador em 2010 – talvez um dos primeiros sinais de que a abordagem do Santos seria um pouco mais moderada do que [a] do Uribe, não é?

V.C.L. – Eu vou lhe contar um episódio: o Santos toma posse no dia 7 de agosto, no dia 6 chega a delegação brasileira para a posse com o Lula e o Celso Amorim... E a futura chanceler María Ángela me telefona e diz que gostaria de encontrar o Celso Amorim na véspera da posse. E ela vai à Embaixada, ela vai à residência. E lá ela diz ao Celso Amorim que, na cerimônia de posse, o Juan Manuel Santos anunciaria que procuraria um contato pessoal com o Chávez. E o Celso disse: “Como assim? O Uribe estará na cerimônia?”, e ela disse: “Eu fui encarregada de levar esse recado ao Uribe antes da cerimônia”.

O.S. – Impressionante.

V.C.L. – “E o Santos me encarregou porque ele sabe que eu fui embaixadora da Colômbia, nomeada pelo Uribe, nas Nações Unidas e que ele me chama de ‘*mi novia ravisosa*’” [risos]... Enfim, fora o lado anedótico da história, o Santos já tinha planejado aquela aproximação e ela se deu três dias depois: eles se encontram em uma localidade da Colômbia, onde viveu o Bolívar, etc. Era uma coisa muito simbólica. Os dois, o Chávez e o Santos, por iniciativa do Santos. E ele anuncia isso no discurso de posse, para o horror, naturalmente, do [Uribe]... Mas o Uribe foi prevenido de que isso aconteceria, segundo esse relato da María Ángela. A reviravolta, portanto, estava muito presente no Santos. Ele já chega ao poder com a ideia de que ele vai mudar radicalmente a relação com a Venezuela, como efetivamente mudou...

⁶⁰ A proposta do acordo foi entregue ao Congresso dos Estados Unidos pelo presidente George W. Bush em 2007, mas o documento só foi ratificado em 2011.

O.S. –Então, apesar de alguns momentos aí, o movimento do Chávez como possível mediador, etc... O Uribe não está, assim, radical a ponto de cortar qualquer laço com a Venezuela. Ou seja, viu alguma utilidade no Chávez...

V.C.L. – É, como aquele episódio terrível do Chávez que montou uma cena cinematográfica para [a] libertação dos reféns. Você se lembra? No dia 31 de dezembro, ele foi até com Oliver Stone⁶¹, com câmeras e tudo, e os guerrilheiros não foram, não apareceram. Mas o Uribe, que tinha delegado ao Chávez essa função, ficou horrorizado com a capitalização política que o Chávez queria fazer ali, certo? Ficou horrorizado. Esse episódio foi, segundo me contaram, um divisor de águas na relação dos dois...E quando o Brasil participou do resgate dos reféns, eu tive a preocupação... Eu era azucrinado às seis da manhã... Tinha uma rádio, a Rádio Caracol⁶². Era uma praga, capaz de assediar uma pessoa, levar uma pessoa à loucura. Eles ligam às quatro da manhã, seis da manhã, a hora que for, e às vezes colocam você no ar e você não está sabendo... E é muito ouvida. No primeiro resgate eles insistiam: “O senhor tem que dar uma declaração”, [e eu respondia:] “Não, o Brasil não tem que dar declaração. O Brasil está apenas dando apoio a uma operação da Cruz Vermelha”. E em nenhum momento... – depois da primeira operação, sobretudo, o primeiro grande sucesso – em nenhum momento eu fiz qualquer declaração. Isso me rendeu muitos pontos porque o Uribe via um contraste entre discrição do Brasil e a atitude do Chávez.

O.S. – Claro.

V.C.L. – [O Brasil atuou] discretamente, a pedido da Cruz Vermelha, com anuência das duas partes, etc. Então eu acho que esse também demonstra como o Uribe ficou chocado com aquele comportamento do Chávez. E enfim, confiou que nós não faríamos um papel semelhante, como realmente não fizemos. E não foi só na alta cúpula: eu me recordo que, depois da primeira operação, eu compareci a alguns eventos sociais e todos vinham me agradecer e dizer que nós tínhamos nos comportado com muita discrição.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Aquilo tinha sido muito apreciado pelos colombianos, porque [tratava-se de] humilhação, em última instância... Porque tinha uma potência estrangeira [fazendo] essa operação. A operação toda, você não calcula que a única pessoa que detinha as coordenadas de onde estavam os reféns era a senadora Piedad Córdoba⁶³, figura onipresente em tudo que tinha a ver com as FARC. Ela era tida como a porta-voz, embora ela negasse. Ela comandava uma organização, “Colombianos y Colombianas por la Paz”⁶⁴. Ela era claramente a interlocutora para tudo que tinha a ver com as FARC. Nessa operação, ela era a figura crítica à qual a Cruz Vermelha recorria para ter alguma resposta do que pensar das FARC. E ela usava essa comunicação, esse canal que ela tinha com as FARC muito bem para sua própria projeção e, também, para afirmação da própria capacidade dela.

O.S. – Sim. Acabava sendo um recurso político também.

V.C.L. – Numa operação – não foi a primeira, foi a segunda – estavam as tratativas em que você tem que mandar o pessoal do exército apontar para que a zona desmilitarizada seja perfeitamente delimitada, o horário em que as tropas iniciam o cessar-fogo – porque, se não, abatem o helicóptero – para que os helicópteros possam entrar em absoluta segurança dentro do território colombiano. A Cruz Vermelha coloca na barriga do helicóptero o símbolo da cruz vermelha – você só vê a barriga do helicóptero –

⁶¹ Em dezembro de 2007, o diretor Oliver Stone integrou a equipe da operação humanitária (Operação Emanuel) liderada por Hugo Chávez, sob os auspícios da Cruz Vermelha, com o objetivo de efetuar o resgate de 3 reféns capturados pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). A operação, marcada inicialmente para os últimos dias de 2007, foi adiada uma série de vezes e o resgate finalmente foi efetuado em 10 de janeiro de 2008.

⁶² A Rádio Caracol é uma das principais cadeias radiofônicas da Colômbia, fundada em Mendellín em 1948.

⁶³ Piedad Esneda Córdoba Ruiz é uma política e advogada colombiana. Ela foi senadora pelo Partido Liberal de 1994 a 2010.

⁶⁴ Colombianas y colombianos por la Paz foi uma iniciativa da sociedade civil fundada pela senadora Piedad Córdoba que teve importante repercussão entre 2008 e 2012, atuando pela liberação de reféns das FARC.

então o símbolo da Cruz Vermelha vai... E isso é colocado ainda em território brasileiro, a gente tem que comparecer lá para colocar isso... Tem uma missão precursora, e vai e volta, e se negocia como, a que horas, etc. Mas nós estávamos nessas tratativas e não havia resposta ainda das FARC para essa segunda operação, e eu recebo um telefonema umas sete horas da noite da senadora: “*Embajador, por favor, me gustaría hablar con Usted en mi residencia*”, [e eu respondi:] “*Claro*”. Daí, fui até a residência dela à noite. [Ela me perguntou:] “*Ustedes están dispuestos?*”, “*Claro, como siempre*”. Essa não é uma operação brasileira, isso tinha ficado muito claro. Nós estamos esperando, a Cruz Vermelha está esperando uma resposta, claro, já temos a autorização do governo colombiano, [e ela diz:] “Então vamos fazer o seguinte” – essa era, digamos, uma quarta-feira – “nós vamos fazer essa operação neste fim de semana”. Eu disse: “Mas senadora... Impossível, isso é impossível, isso requer uma preparação logística. Os helicópteros levam três dias para chegar de Manaus até a fronteira”.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Voo baixo, muito devagar. Não é um voo com velocidade, há toda uma preparação em delimitação [do] território, de operação com a Cruz Vermelha, quem entra, quem participa, quem não participa, quem sobe no helicóptero, quem não sobe. Primeiro, eram sempre dois, um representante e um médico – levava sempre um médico. [Eu disse:] “Não tem condições, não há condições de viabilizar uma operação de hoje até o fim de semana. Nós precisamos de tempo”. [E ela perguntou:] “Ah, mas quanto tempo?”, “Duas semanas, três semanas..”.

O.S. – Certo.

V.C.L. – [E a senadora disse:] “Ah, mas isso é impossível”, digo: “Não podemos fazer de outra maneira, na prática é inviável”. Bom, achei que isso tinha sido o teor da conversa... Não, não era nada disso: na hora que eu fui sair, o motorista disse: “*Embajador, Usted tiene que estar preparado, porque la prensa está toda afuera*”.

O.S. – [Risos].

V.C.L. – Ela ligou para jornais e disse: “O embaixador do Brasil vem aqui para receber [risos] as instruções minhas [risos]”. E eu tive que sair pela porta dos fundos, vinham atrás de mim... Entrei no carro. Ela manipulava essa coisa com muita habilidade. Isso já foi a segunda operação. Da lembrança que eu tenho, a primeira transcorreu bem, com todos esses preparativos... Eu me recordo que foi na primeira que tinha ficado o acordo não escrito, mas claro, que não só os helicópteros brasileiros estavam com passagem livre naquela faixa X, como não haveria nenhuma tentativa por parte das Forças Armadas Colombianas de fazer o que quer que fosse...

O.S. – Claro.

V.C.L. – Bom, pouco depois dos helicópteros já levantarem voo, os helicópteros começaram a ser seguidos por aviões colombianos. E aí foi quando minha amizade com Juan Manuel me valeu, porque eu telefonei a ele à noite... – a operação se dava em duas ou três etapas, não era chegar direto não...E lhe disse a ele: “Olha, eu recebi informações do adido aqui de que os helicópteros estavam sendo seguidos. Isso vai pôr em risco a tripulação brasileira, pôr em risco os reféns, pôr em risco os colombianos que estejam a bordo, a Cruz Vermelha...” Como você sabe, os militares brasileiros que estão na missão não estão armados – isso é uma regra básica da Cruz Vermelha. Aí ele disse: “*Bueno, te aseguro que esto no va más ocurrir*”. E foi a amizade que me permitiu aquilo, porque, em outras circunstâncias eu não teria conseguido, mas ele foi muito correto, foi muito categórico. Não se desculpou, mas disse: “Não vai acontecer mais”, mas realmente isso não aconteceu mais. Para você ter uma ideia da delicadeza da operação: era só no momento em que os helicópteros levantavam voo da base aérea colombiana, só nesse momento [a senadora] entregava ao piloto as coordenadas.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Certo? Então ele levantava voo sem saber para onde estava indo e depois, em determinado momento, ela entregava... E uma das vezes – eu acho que foi na segunda – as coordenadas foram dadas, os helicópteros chegaram lá, e os reféns não estavam lá. E aí, aquela perplexidade total: não estão os

reféns, mas estavam os guerrilheiros das FARC. Disseram: “Agora nós vamos mostrar para vocês onde estão os reféns. Vamos embarcar aqui. O adido me comunicou que estava havendo esse imprevisto e que os guerrilheiros estavam ali querendo embarcar armados no helicóptero. E que o comandante estava dizendo que “em hipótese alguma”, que não havia meios de entrar lá: a operação seria abortada. Ninguém estava armado [no avião] e os guerrilheiros dizendo que só mostrariam onde estavam os reféns se entrassem armados. Foi um impasse que durou umas duas horas, até que os guerrilheiros se conformaram com a ideia de que não podiam entrar armados e entraram desarmados. E aí foram para o ponto de resgate, mas de uma maneira geral, as operações ocorreram muito bem. Enfim, eu acho que o Brasil marcou pontos pela descrição, pelo fato de ter prestado essa colaboração e não ter querido chamar para si nenhum triunfo glória, nenhum prestígio por ter feito a coisa como fez. Mas volto a dizer: o Brasil não era a primeira opção da Cruz Vermelha.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Eram operações caras. Porque eram dois helicópteros e esses helicópteros tinham que [usar] essa cruz da Cruz Vermelha. Esse símbolo, que é a cruz vermelha sobre o fundo branco, não podia ser colocado sem que esse fundo branco fosse colocado antes, na barriga do helicóptero. A colocação desse fundo branco era uma operação muito mais complicada do que parece... Não era barata. E pelo que sei, o Exército passou toda a conta da operação para o Itamaraty.

O.S. – [Risos] isso também é liderança regional, hein!

V.C.L. – É. Um pouco como quem diz: “Isso [essas operações] é invenção de vocês [do Itamaraty]”. *Fair enough. Fair enough.*

O.S. – Eu tenho uma última pergunta em relação à chamada Crise Andina. Eu acho que é um tema de grande importância que não tem sua devida visibilidade tanto no mundo acadêmico como no debate público. Em algum momento, durante essa situação de movimentação de tropas, na sua avaliação ou em conversas explícitas com colegas em Brasília, Caracas ou Quito, surge a hipótese de que isso poderia se tornar algo mais sério, que vai além de um confronto diplomático?

V.C.L. – Eu nunca fiquei em nenhum momento com a impressão de que aquilo pudesse desandar, que aquilo pudesse resvalar para algum enfrentamento, ainda que marginal, de fronteira. Nunca fiquei com essa impressão. A retórica do Chávez na televisão, que eu vi, passei o dia vendo, era muito tipicamente chavista, muito tipicamente “chaviana”, se você quiser – uma retórica triunfalista... Inclusive do ponto de vista militar. Ele ordena: “Comandante, despache oito mil homens para a fronteira”, e o comandante bate continência e sai. E outra, no momento ele diz, fala mal do Uribe, e fala: “*Le mando un sukhoi*”⁶⁵ – aviões soviéticos que a Venezuela tinha comprado e parece que ninguém sabia pilotar... Aquela história... Mas ele ameaça que vai mandar aviões de combate para território colombiano, mas nunca me pareceu que aquilo fosse além de uma retórica política e não propriamente militar... Mais que isso: em nenhum momento me pareceu que a Venezuela chegasse a tomar alguma atitude um pouco mais ousada e muito menos me pareceu que a Colômbia fosse querer reagir nem mesmo àquela retórica.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Certo? Nem mesmo à retórica. A Colômbia se recolheu para defender o que tinha feito, algo perfeitamente justificável nas circunstâncias. Mas em um confronto, o Uribe voltava sim para o Lula para dizer que o Chávez só insultava e provocava, etc.

O.S. – Claro.

V.C.L. – Era o padrinho, não é? O padrinho, a quem os dois recorriam para se queixar um do outro. Agora, isso reforça muito a posição de liderança que o Lula tinha, que era realmente extraordinária. Independente do matiz ideológico, era visto como uma figura, um exemplo de liderança e de líder político que há muito tempo a América Latina não tinha – e provavelmente não terá.

⁶⁵ Sukhoi é uma empresa fabricante de aeronaves russa conhecida por seus caças militares. Em 2006, a Venezuela adquiriu caças Sukhoi Su-30 da Rússia.

O.S. – Sim.

V.C.L. – E de um líder que subiu no poder e não se mostrava – vamos dizer assim – ideológico. Até por uma política interna que em nenhum momento, sobretudo a política macroeconômica, em nenhum momento parecia ter alguma ou qualquer semelhança com o que poderia ser o ideário petista. Então era realmente uma figura extraordinária, porque ele ascende da forma como ascendeu, chega ao poder com adesão da classe média a essa figura – mais à figura, a princípio, do que ao programa – e realmente começa a fazer um governo extraordinário. O Brasil dispara em crescimento, etc.

O.S. – Claro.

V.C.L. – E ao mesmo tempo, um homem extremamente afável. Abraça todo mundo, todo mundo quer tirar foto com ele.

O.S. – E era global mesmo...

V.C.L. – Era global, era uma coisa realmente... E ele gostava disso. Talvez não tanto quanto o Fernando Henrique. O Fernando Henrique gostava, apreciava mais, era um outro tipo de inserção. Era uma inserção intelectualizada. Mas apreciava muito visitas e sabia que ele tinha prestígio nas elites intelectuais nos países que ele visitava. O Lula não, o Lula desfrutava das elites políticas, na verdade. Era, realmente, os políticos, empresários, tudo! Não era uma coisa elitizada. Eu me recordo uma vez, não sei se eu estava fora... Eu me lembro que disseram ao Celso Amorim que o Celso Amorim levava o Lula para cá, para lá, para cá, para lá, vivia viajando... E eu Celso respondeu: se eu tenho o Pelé⁶⁶ no time, você acha que eu não vou escalar?

O.S. – Eu acho que isso particularmente interessante, porque mesmo isso acontecendo na Colômbia, um país que, de certa forma maneira, está situado fora da esfera tradicional de influência – porque nesse momento em que há claramente essa tentativa de institucionalização dessa esfera de influência do Conselho, da maior presença de empresas brasileiras na região, etc. – a Venezuela é o grande problema... A Venezuela, de alguma maneira também, não por não se abrir ao Brasil, mas por ter seu próprio projeto de liderança regional que, às vezes, entra em conflito com o nosso. Isso seria minha última pergunta: qual foi a relação com a representação diplomática venezuelana e dos Estados Unidos? Como foi isso durante seu tempo? Chegou a ter um diálogo regular com os americanos ou com os venezuelanos?

V.C.L. – Você diz se houve alguma interação minha entre o embaixador americano e o embaixador venezuelano? O americano eu visitei, como eu visitei vários ao chegar – é uma praxe do embaixador chegado. Eu organizava minhas visitas por círculos concêntricos: primeiro os embaixadores do Mercosul, depois a América do Sul, depois G20, e depois BRICS. Eu ia ampliando esses círculos, mas tinha que ser tudo rápido, o embaixador precisa conhecer essas pessoas rapidamente, além das figuras locais, para poder agir e ser informado. Por exemplo, o embaixador argentino era uma figura fundamental...

O.S. – Claro.

V.C.L. – Era Martín Balza⁶⁷. O general, aquele que pela primeira vez reconheceu o desrespeito aos direitos humanos pelas Forças Armadas Argentinas. Foi veterano na guerra das Malvinas. Estava em Bogotá já havia uns tantos anos... Figura extraordinária, – se você procurar ele no Google você vai ver – extremamente afável e muito simpático, muito conversador, e conhecia o conflito, porque era militar. Fui visitá-lo logo no início. Ele então me mostrou o mapa... Enfim, ele tinha um entendimento militar do conflito, ele dizia: “Olha, a guerrilha está toda confinada depois desses anos todos de combate, está muito enfraquecida. Ele era muito pessimista em relação a isso, mas era um tipo de pessoa que, quando

⁶⁶ Jogador de futebol brasileiro conhecido como “o rei do futebol”.

⁶⁷ Martín Antonio Balza é um militar argentino, veterano da Guerra das Malvinas. Ele serviu como chefe do Exército Argentino entre 1991 e 1999. Em 1995, Balza realizou uma auto-crítica do exército na televisão, assumindo a responsabilidade da instituição pelas violações de direitos humanos durante a ditadura civil-militar argentina. Ele foi embaixador da Argentina na Colômbia de 2003 a 2011.

houve esse episódio de primeiro de março, por exemplo, nós nos reunimos – eu já não me lembro se foi na casa dele ou na casa de outro embaixador – e aí ficamos lá à noite conversando, foi quando o Celso Amorim me telefonou...

O.S. – Certo.

V.C.L. – Enfim, esse movimento que você faz quando chega para tentar visitar autoridades locais e corpo diplomático estrangeiro é muito importante, mas eu fui visitar o americano [William Brownfield]⁶⁸ e ele me recebeu. Era um homem de carreira, tinha vindo da Venezuela [risos]. Ele disse que era como sair do inferno e parar no paraíso. Na Venezuela ele era uma pessoa escoraçada pelo governo, malvisto pela população... E ele chega à Colômbia e é todo o contrário, não é? Ele é recebido a qualquer hora, telefona, Uribe atende...

O.S. – Claro.

V.C.L. – E ele circulava [com] um séquito de uns oito ou dez seguranças à volta dele, era uma coisa inacreditável. O medo que eles tinham de um sequestro... [Antes] a Embaixada ficava no centro de Bogotá, [mas] tinha sido deslocada para um lugar um pouco mais distanciado... [Um] imenso *compound* e [era], depois de Bagdá e Londres, a Embaixada dos Estados Unidos que tinha mais pessoas – na faixa de 1500 pessoas trabalhavam na Embaixada dos Estados Unidos. Isso foi-me dito por ele. Mas foi uma figura que eu vi uma vez, me recebeu muito bem, etc. Cruzei uma outra vez com ele. Mas era uma figura que sempre me passava assim... Você via um bando de seguranças ali passando e não era uma figura... Enfim, os americanos, em uma situação como essa, eles ficam muito retraídos. Era uma relação, por exemplo, diferente com a que eu tinha com o – não o primeiro, mas com o segundo – embaixador americano na China, que era o Max Baucus⁶⁹. Ele tinha sido senador, [era] uma coisa mais afável, mais aberta. Não... Na Colômbia eles não dividiam informação... Era uma coisa... O venezuelano, eu vou dizer a você, pode parecer incrível, mas ele devia ser uma figura tão apagada que aliás... Na chancelaria, na época do Chávez, ele nomeava embaixadores desqualificados. Muitas vezes militares...

O.S. – Isso. Na maioria da região foram...

V.C.L. – Era uma coisa patética, patética, porque o único objetivo do embaixador venezuelano era fazer propaganda do Chávez. Pedia para comparecer à Embaixada do Brasil, pedia para eu recebê-lo, [e] ele vinha para me entregar cópia de um discurso do Chávez... [risos]. Não tinha nada mais a dizer. No final, percebi que eram encontros tão inúteis que eu alegava outro compromisso para não receber. Mas ele pedia para ser recebido pelo ministro conselheiro e ia da mesma maneira: nos entregava livros de propaganda e cópias de discursos, com o pedido de que encaminhássemos a Brasília. Como se a Embaixada da Venezuela em Brasília não pudesse fazer esse trabalho! Ele não tinha a menor noção das coisas e falava muito mal do pessoal diplomático venezuelano, que acusava de traidores.

O.S. – Da própria Embaixada?

V.C.L. – Sim. Porque eram funcionários de carreira, nos quais, segundo ele, não era possível confiar. Eles saíram aos poucos, os diplomatas que trabalhavam lá, foram saindo porque ele hostilizava, etc. E foi uma coisa, assim, patética. Enfim, trabalho diplomático [o] pior possível. Pior possível. Eu não me recordo, sinceramente, de qualquer contato que tenha sido útil.

O.S. – Sim. Isso é bom lembrar: a gente discute bastante cenários de reconstrução e eu acho que isso é emblemático para a dificuldade que qualquer futuro governo vai encarar... Nada de reconstrução da burocracia, que não existe mais. Então não existe mais nenhum técnico, ou seja, todas as pessoas saíram...

⁶⁸ William Brownfield foi embaixador dos Estados Unidos na Venezuela de 2004 a 2007. Durante seu tempo como embaixador, Brownfield foi frequentemente ameaçado de expulsão pelo presidente Hugo Chávez, sob acusações de ter trabalhado para desestabilizar seu governo.

⁶⁹ Max Sieben Baucus é um político dos Estados Unidos que atuou como embaixador na China de 2014 a 2017. Ele foi representante do Estado de Montana de 1975 a 1978 e, posteriormente, senador, de 1978 a 2014.

V.C.L. – Desmontou-se a estrutura do Estado...

O.S. – Sim. Foi bastante sofisticada até 1998, apesar de todos os seus problemas, obviamente. Isso confirma essa percepção de que não há ministério que não esteja profundamente atingido.

V.C.L. – No caso da Colômbia, um dado que merece ser mencionada: A Colômbia tem uma gestão macroeconômica perfeitamente estável. Se você for olhar, o peso colombiano é de uma estabilidade extraordinária.

O.S. – Sim.

V.C.L. – A Colômbia teve *investment grade* antes do Brasil.

O.S. – Sim.

V.C.L. – Com toda essa situação de guerra que serviu praticamente... Pois bem, era como se a economia colombiana não tomasse conhecimento. Aliás, isso se refletia na relação bilateral, porque entre a vertente política e a vertente econômica e comercial, era como se não houvesse nenhum diálogo: nem a relação de pouca confiança no político se refletia na relação econômica, nem a relação boa no econômico servia para melhorar a relação política. E, no entanto, nós tínhamos um superávit grande, sempre tivemos com a Colômbia. Os investimentos estavam chegando, a Odebrecht⁷⁰ começou a aparecer em concorrências – e agora a gente sabe que, graças a algumas operações, manobras não tão republicanas... Mas era interessante você ver que era como se houvesse um *firewall* entre as duas realidades. Realidade econômica financeira estável, seguindo uma condução da gestão macroeconômica muito segura, e uma realidade política delirante, convulsiva. Esse dado era interessante. Outro dado que eu acho interessante que vale a pena salientar é o seguinte: se havia uma desconfiança permeando a relação bilateral do ponto de vista político, por outro lado, a população colombiana adora o Brasil. A simpatia que a população tem pelo Brasil... E o nível de desconfiança que essa relação tem no plano oficial político. É como se você estivesse falando realmente de um outro país e eu via isso porque eu participava de eventos culturais, de eventos educacionais. Nós temos um instituto lá, o Instituto de Cultura Brasil Colômbia⁷¹, que começou como um instituto subvencionado e hoje o instituto tem já sede própria, autonomia financeira etc. O número de pessoas que estudam no país... No período em que estive em Bogotá, a Colômbia era o maior beneficiário do programa de estudante-convênio que o Brasil tinha na América Latina.

O.S. – Impressionante.

V.C.L. – Naquela época eram sessenta e quatro estudantes por ano. Vinham para pós-graduação no Brasil e muitos mais eram candidatos. Eles faziam curso de português nesse Instituto para poder vir fazer a pós-graduação.

O.S. – Impressionante. Isso a princípio diz que existe um potencial...

V.C.L. – Muito grande, muito grande... Um potencial que pode ser explorado, sobretudo, entre os jovens. Essa geração mais madura está um pouco marcada pela guerra, por esse isolamento da Colômbia e entendimento que os países vizinhos não ajudam. Eu não via isso no meio universitário, sentia muito mais receptividade, interesse, etc. É uma coisa a ter em conta, nós fazíamos festivais de cinema anuais: sempre lotado.

O.S. – Ótimo. Embaixador, foi espetacular. Muito obrigado.

⁷⁰ Conglomerado empresarial brasileiro que atua internacionalmente nas áreas de construção e engenharia, química e petroquímica, energia, entre outras. A organização se tornou um dos principais focos das investigações da Operação Lava-Jato.

⁷¹ O Instituto de Cultura Brasil Colômbia (IBRACO) é uma instituição sem fins lucrativos com o objetivo de contribuir para o diálogo intercultural entre os dois países e a difusão da língua portuguesa e cultura brasileira na Colômbia.